



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA
EM REDE NACIONAL - PROEF



ROMÁRIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

O ENSINO DOS JOGOS DE MIRA COM ELEMENTOS DA NATUREZA NO
ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: NOVAS PRÁTICAS, OUTRAS
EXPERIÊNCIAS, VÁRIAS POSSIBILIDADES



ROMÁRIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

**O ENSINO DOS JOGOS DE MIRA COM ELEMENTOS DA NATUREZA NO
ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: NOVAS PRÁTICAS, OUTRAS
EXPERIÊNCIAS, VÁRIAS POSSIBILIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física Escolar. Pesquisa financiada através de bolsa de estudos pela Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal Do Ensino Superior (CAPES) e apoiada pela Fundação De Apoio À Pesquisa Do Estado Do Amazonas (FAPEAM).

Linha de Pesquisa 2: Abordagens Metodológicas e Processos de Ensino Aprendizagem.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Fernandes Ferreira.



Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- O48e Oliveira, Romário Rodrigues de
 O ensino dos jogos de mira com elementos da natureza no ensino
 fundamental – anos iniciais: novas práticas, outras experiências, várias
 possibilidades. / Romário Rodrigues de Oliveira. - 2025.
 111 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Lúcio Fernandes Ferreira.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
 de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional, Manaus, 2025.
1. Educação Física. 2. Problemáticas. 3. Novas práticas. 4. Jogos de
 Mira. I. Ferreira, Lúcio Fernandes. II. Universidade Federal do Amazonas.
 Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional. III.
 Título
-



DEDICATÓRIA

Dedicamos esta pesquisa, em primeiro lugar, a Deus, que nos deu sabedoria e forças para superar todos os momentos difíceis com os quais nos deparamos ao longo da nossa jornada; aos meus pais, por serem essenciais nas nossas vidas; e a toda família, por nos incentivar a não desistir deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus, pois me sustentou nos momentos mais difíceis do percurso, pois me deu Fé, Saúde e Força para prosseguir nos meus objetivos.

A minha amada família que de várias maneiras continuou de forma discreta e sutil a sustentar meus sonhos mesmo quando os banzeiros me levavam a direção contrária.

Gratidão à meu orientador, Prof.^o Dr.^a. Lúcio Fernandes Ferreira, pela confiança que depositou em mim, pela orientação, pela disponibilidade do seu tempo e pela paciência para galgar junto comigo essa etapa tão importante da minha trajetória profissional.

Agradeço a todos os professores(as) do ProEF-UFAM que proporcionaram experiências valiosas e reflexões ímpares, contribuindo, assim, para melhoria da minha práxis pedagógica.

Agradeço, também, aos onze mestrandos que compuseram a nossa equipe em Manaus. Ainda em momentos desafiadores, não soltaram a mão um do outro, trazendo ânimo e apoio quando a exaustão parecia nos abater. A união e a solidariedade demonstradas são inestimáveis. Que continuemos a enfrentar novos desafios, se juntos não sei, mas a celebrar nossas conquistas.

Aos meus alunos do 5º ano de 2025 que participaram e compartilharam muito conhecimento para a pesquisa e contribuíram na minha formação.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma para a realização deste mestrado.



EPÍGRAFE

*“Não fiz o melhor, mas fiz tudo para que o
melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser,
mas não sou mais o que era antes.”*

(Martin Luther King)

RESUMO

Na história recente, o ensino da Educação Física no município de Lábrea – Amazonas esteve voltado, em grande parte, para o ensino das práticas esportivas com vistas a introduzir os alunos no mundo do esporte. Assim, percebendo essa problemática e buscando uma Educação Física com o intuito de proporcionar aos alunos a experimentação de novas práticas corporais, surgiu a inquietação de planejar uma proposta de sequência didática sobre jogos de mira com ênfase no ensino do arco e flecha, com suas possíveis origens e transformações, as diferentes maneiras em que é possível vivenciá-los. Diante disso, trazemos como problema dessa pesquisa “Como ensinar os jogos de mira para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental a partir do uso de materiais alternativos”? Para isso, traçamos um percurso investigativo que partiu do objetivo geral: Investigar o processo de ensino dos jogos de mira para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental a partir do uso de materiais alternativos. Tendo como objetivos específicos: a) Identificar os processos de sistematização do planejamento de uma unidade temática focada nos jogos de mira com enfoque no uso dos materiais alternativos; b) Analisar os processos de ensino de uma unidade temática focada nos jogos de com enfoque no uso dos materiais alternativos; c) Desenvolver um recurso educacional relacionado ao ensino dos jogos de mira com enfoque no uso dos materiais alternativos. A metodologia adotada foi qualitativa, utilizando técnicas de experimento de ensino (modelagem, episódios de ensino e entrevistas). Para coleta de dados foram realizadas: observações nas aulas através das produções dos alunos, roda de conversas e aplicação de questionários, o registro das observações em diário de campo serviu para produzir e analisar os dados. A pesquisa foi realizada no município de Lábrea/AM com uma turma do 5º ano. A pesquisa buscou por meio das aulas aplicadas, propiciar ao aluno a possibilidade de vivenciar o novo, perceber-se como um indivíduo que adquire conhecimentos por meio de uma dimensão cultural e ter a oportunidade de se identificar com o jogo. Como docente da rede pública, conhecemos as dificuldades que cotidianamente o professor atravessa em sua jornada. Portanto, com o presente estudo elaboramos e aplicamos a unidade didática envolvendo os Jogos de “Mira”, com foco nos anos iniciais do ensino fundamental. E com o intuito de que esse trabalho possa oferecer aos professores a possibilidade de vislumbrar e refletir sobre uma prática pedagógica que vise contribuir para a formação crítica dos educandos.

Palavras-chave: Educação Física; Problemática; Novas práticas; Jogos de Mira.

ABSTRACT

In recent history, Physical Education teaching in the municipality of Lábrea, Amazonas, has largely focused on teaching sports practices, aiming to introduce students to the world of sports. Thus, recognizing this problem and seeking a Physical Education program that aims to provide students with the opportunity to experience new physical practices, the desire arose to plan a proposed teaching sequence on aiming games, emphasizing the teaching of archery, its possible origins and transformations, and the different ways in which it can be experienced. Therefore, we present the research problem "How to teach aiming games to 5th grade students using alternative materials?" To this end, we outlined an investigative path based on the general objective: To investigate the process of teaching aiming games to 5th grade students using alternative materials. The specific objectives were: a) To identify the processes for systematizing the planning of a thematic unit focused on aiming games, focusing on the use of alternative materials; b) Analyze the teaching processes of a thematic unit focused on aiming games, focusing on the use of alternative materials; c) Develop an educational resource related to the teaching of aiming games, focusing on the use of alternative materials. The methodology adopted was qualitative, using teaching experiment techniques (modeling, teaching episodes, and interviews). Data collection included classroom observations through student productions, discussion circles, and questionnaires. Observations were recorded in a field diary to produce and analyze the data. The research was conducted in the municipality of Lábrea, Amazonas, with a 5th-grade class. Through applied lessons, the research sought to provide students with the opportunity to experience new things, perceive themselves as individuals who acquire knowledge through a cultural dimension, and have the opportunity to identify with the game. As public school teachers, we understand the daily challenges teachers face. Therefore, in this study, we developed and implemented a teaching unit involving "Aiming Games," focusing on the early grades of elementary school. This work aims to offer teachers the opportunity to envision and reflect on a pedagogical practice that aims to contribute to the critical development of students.

Keywords: Physical Education; Problematic; New Practices; Aiming Games.

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura 1</u> – Indígena utilizando arco e flecha.....	34
<u>Figura 2</u> – Localização da Escola.....	42
<u>Figura 3</u> – Escola Estadual Santo Agostinho.....	42
<u>Figura 4</u> – Quadra Poliesportiva.....	43
<u>Figura 5</u> – Apresentação da prática corporal.....	49
<u>Figura 6</u> – Apresentação de instrumentos de mira dos povos locais.....	50
<u>Figura 7</u> – Dialogo sobre tema Arco e Flecha	51
<u>Figura 8</u> – Apresentação de vídeos.....	52
<u>Figura 9</u> – Ilustrações sobre Arco e Flecha – parte 1.....	53
<u>Figura 10</u> – Ilustrações sobre Arco e Flecha – parte 2.....	54
<u>Figura 11</u> – Trabalhos realizados.....	54
<u>Figura 12</u> – Diferentes tipos de Arco e Flecha.....	55
<u>Figura 13</u> – Apresentação dos tipos de Arco e Flecha.....	56
<u>Figura 14</u> – Primeiro contato com o artefato.....	57
<u>Figura 15</u> – Manuseio do arco.....	58
<u>Figura 16</u> – Primeiro tiro.....	59
<u>Figura 17</u> – Roda de conversa ao final da aula.....	60
<u>Figura 18</u> – Alvo triangular, com 2 zonas concêntricas, 2 cores, 2 valores numéricos.....	62
<u>Figura 19</u> – Alvo circular, 3 zonas concêntricas, 3 cores, 3 valores numéricos.....	63
<u>Figura 20</u> – Alvo quadrangular, 4 zonas concêntricas, 4 cores, 4 valores numéricos.....	63
<u>Figura 21</u> – Aluno com autismo produzindo alvo.....	64
<u>Figura 22</u> – Aprendendo como fazer o primeiro nó – parte 1.....	67
<u>Figura 23</u> – Aprendendo como fazer o primeiro nó – parte 2.....	68
<u>Figura 24</u> – Fazendo o segundo nó para curvar o arco.....	68
<u>Figura 25</u> – Aprendendo a confeccionar a flecha – parte 1.....	69
<u>Figura 26</u> – Aprendendo a confeccionar a flecha – parte 2.....	69
<u>Figura 27</u> – Aprendendo a confeccionar a flecha – parte 3.....	70
<u>Figura 28</u> – Ilustração de anteparo para realização de atividade.....	71
<u>Figura 29</u> – Experimentando o tiro.....	72
<u>Figura 30</u> - Sequencia didática do tiro.....	73



<u>Figura 31</u> - Aprendendo as técnicas básicas – parte 1.....	74
<u>Figura 32</u> - Aprendendo as técnicas básicas – parte 2.....	74
<u>Figura 33</u> - Preparando o espaço do alvo.....	76
<u>Figura 34</u> - Organização dos alvos.....	76
<u>Figura 35</u> - Formação de equipes.....	77
<u>Figura 36</u> - Acertando o alvo – parte 1.....	77
<u>Figura 37</u> - Acertando o alvo – parte 2.....	78
<u>Figura 38</u> - Alvo triangular.....	78
<u>Figura 39</u> - Alvo circular.....	79
<u>Figura 40</u> - Equipes vencedoras do festival – parte 1.....	79
<u>Figura 41</u> - Equipes vencedoras do festival – parte 2.....	80
<u>Figura 42</u> - Alunos respondendo o questionário – parte 1.....	81
<u>Figura 43</u> - Alunos respondendo o questionário – parte 2.....	81
<u>Figura 44</u> - Capa do Recurso Educacional.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Protocolo de segurança – manuseio e tiros com arco e flecha.....	58
Quadro 2 – Representação de alvo.....	61
Quadro 3 – Planilha de pontuação.....	65
Quadro 4 – As partes do Arco e Flecha.....	66
Quadro 5 - Desenho do Anteparo com três alvo.....	70
Quadro 6 – Técnica de tiro com arco.....	73
Quadro 7 - Erros mais comuns na prática de tiro com arco.....	75
Quadro 8 – Unidade Temática – Brincadeiras e jogos.....	88
Quadro 9 – Cronograma dos Conteúdos da Unidade Didática Jogos de Mira – Arco e Flecha.....	90
Quadro 10 - Divisão das aulas em 3 momentos.....	91
Quadro 11 - Plano de Aula 1 – estrutura dividida em três momentos principais.....	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Caracterização dos alunos.....	82
Gráfico 2 – Você gostou de construir o arco e flecha?.....	82
Gráfico 3 – Você sabia usar o arco e flecha?.....	83
Gráfico 4 – Você aprendeu a manusear o arco e flecha?.....	84
Gráfico 5 – Como você se sentiu ao usar o arco e flecha?.....	85
Gráfico 6 – Você pretende vivenciar os jogos novamente?.....	86



LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

EFE – Educação Física Escolar

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

EESA – Escola Estadual Santo Agostinho

PROEF – Mestrado Profissional em Educação Física

RE – Recurso Educacional

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UD – Unidade Didática

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1: ABORDAGENS METODOLÓGICAS E PRÁTICAS DE ENSINO REFERENTE À CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO: UM OLHAR HISTÓRICO E EPISTEMOLÓGICO À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	22
1.1 Educação Física Escolar: da prática a disciplina curricular	22
1.2. Uma critica a predominância do quarteto fantástico.	25
1.3. Conteúdos da Educação Física Escolar	30
1.4. Novas possibilidades de práticas corporais.....	31
CAPÍTULO 2: O ENSINO DOS JOGOS DE MIRA NO CONTEXTO ESCOLAR	33
2.1 Os jogos de mira como conteúdo para as aulas de Educação Física	33
2.2 O arco e flecha na escola.....	38
CAPÍTULO 3: PERCURSO INVESTIGATIVO	39
3.1 Tipo de pesquisa e método de investigação	39
3.2 Contexto da pesquisa	41
3.3 Participantes	44
3.4. Procedimento para a coleta de dados	44
3.5. Instrumentos e técnicas para a construção de dados.	45
3.6. Instrumento e técnicas para análise de dados.....	46
3.7. Aspectos éticos.....	47
4. APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA, DIALOGANDO JUNTO AOS ALUNOS E ANÁLISES DOS RESULTADOS COLETADOS.	47
4.1. Apresentação da análise do diário de campo	48
4.1.1 As oficinas	48
4.1.2 A 1ª oficina – apresentação da prática corporal	49
4.1.3 A 2ª Oficina – Contextualizando os jogos de mira.....	52
4.1.4 A 3ª oficina – Conhecendo o equipamento e noções básicas	55
4.1.5 A 4ª oficina – Respeitando os protocolos de segurança	57
4.1.6 A 5ª oficina – Construindo alvos e tabela de pontuação	61
4.1.7 A 6ª oficina - Apresentação das principais partes do arco e flecha	65
4.1.8 A 7ª oficina - Construção de material adaptado	67
4.1.8 A 8ª oficina – Tiros em distâncias variadas.....	70



4.1.9 A 9ª oficina - Técnicas de tiro e postura corporal	71
4.1.10 A 10ª oficina – Festival de mira - manuseio do arco e das flechas.....	75
4.2 Resultados	81
CAPÍTULO 5: CONSTRUÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA COMO EXPERIÊNCIA	
PEDAGÓGICA – RECURSO EDUCACIONAL	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA.....	106
APÊNDICE B - TERMO DE ANUÊNCIA	107
APÊNDICE C: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE	108
APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	110

APRESENTAÇÃO

Minha relação com Educação Física iniciou-se na infância, com experiências restritas, que me levaram a me tornar um maluquinho por bola. Devido o excesso de conteúdos voltados às práticas que envolviam a “bola”, em específico à prática do futsal na minha região, criou essa expressão para denominar o “vício” por essa prática corporal protagonizada durante todo meu percurso da educação básica que perpetuam até os dias atuais dentro das instituições públicas de ensino.

Após a conclusão da graduação em 2012 pela Universidade Estadual do Amazonas que me possibilitou através do conhecimento uma formação mais ampla e com uma nova visão sobre as reais necessidades que a Educação Física precisava alcançar, sai da academia com um sonho de mudar a realidade das escolas da minha região, assim ingressei como docente pela Secretaria da Educação do Estado do Amazonas através de concurso público, pois tinha o intuito em romper a concepção esportivista no âmbito escolar.

Durante minha trajetória profissional sempre busquei aprimorar a qualidade de minhas aulas e torná-las mais diversas e inclusivas a todos e a todas, na tentativa de atualizações diante de minha formação na graduação que necessitava buscar alternativas para as reais problemáticas dentro da escola que até então não tínhamos vivenciado durante a graduação como a formação inicial em nível superior.

Nesse cenário, sempre houve uma grande inquietação de minha parte, ao buscar a diversidade de conteúdos diante das problemáticas cotidianas na escola. A diversidade de conteúdos sempre foi um dos fatores de maior relevância e o motivo pela busca por estudos diante da minha prática profissional, assim procurei remar para mais longe em busca de aprimoramento.

A aventura em busca do conhecimento iniciou nos banheiros do rio Purus que me fez navegar mais de mil quilômetros via fluvial, da cidade de Lábrea até Manaus para dar início a um sonho de cursar o Mestrado Profissional em Rede Nacional - PROEF, nessa jornada inicial fui aluno diante da imensidão de água e floresta, longos 5 dias de rio abaixo até chegar no grande destino, a Universidade Federal do Amazonas.

Nesse primeiro momento o rio foi nosso grande mestre que nos guiou para uma jornada de descoberta, a bordo do barco minha companheira era a esperança em trazer para minha realidade conhecimento a fim de melhorar a educação no meu município, pois tinha algo que me instigava.



Nessas idas e vindas, os dias de viagem no barco se tornavam longos, então resolvi me aventurar pela inacabada BR transamazônica, a cada árvore derrubada à beira da estrada, me fazia refletir em usar a Educação Física como forma buscar materiais não convencionais, aproveitamento daquilo que naturalmente ia se desfazendo na floresta a fim de produzir novas alternativas para inserir outras praticas corporais no repertorio cultural dos alunos.

A aula Magna na Mini Campus da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia na UFAM me trouxe diversas inspirações, dentre as quais a que me chamou mais atenção foi à leitura de um texto que enfatizava a crise que a Educação Física precisava superar, voltei para minha cidade querendo transformar a realidade.

Ao ingressar no mestrado profissional, o PROEF me proporcionou a oportunidade de estar em um curso onde os estudos, as pesquisas, as reflexões e trocas de experiências com profissionais em distintas realidades se fez, pessoalmente e profissionalmente, como uma grande conquista consolidada. O conhecimento adquirido nos deram subsídios para buscar mudar essa realidade social, mas para isso é preciso saber qual nossa concepção de mundo, de ser humano, de sociedade, de Educação.

Assim, olhando para a minha realidade, num primeiro momento achei caótica, mas o conhecimento adquirido me orientou a conhecer e compreender cada vez mais o meu objeto de estudo, e chegará a um determinado momento que teremos uma educação mais justa para todos.

Nesse sentido, percebendo as dificuldades e buscando uma Educação Física que propicie novas possibilidades, surgiu a inquietação de planejar uma proposta de sequência didática sobre jogos de mira, com suas possíveis origens e transformações, as diferentes maneiras em que é possível vivenciá-los, fazendo com que os alunos passem a apreciá-los em seu cotidiano estabelecendo um resgate cultural.

INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF) vem demonstrando ser mais resistente à mudança do que o esperado, apresentando muita dificuldade de traduzir seus avanços epistemológicos e teóricos para o campo da intervenção pedagógica, em particular no âmbito escolar (Silva; Bracht, 2012).

Na história recente, o ensino da EF no município de Lábrea - Amazonas – esteve voltado, em grande parte, para o ensino das práticas esportivas com vistas a introduzir os alunos no mundo do esporte e, conseqüentemente formando jovens atletas visando apenas a participação nas competições escolares. De acordo com Oliveira (2010), ainda hoje o esporte é conteúdo exclusivo ou prioritário nas aulas de EF e algumas práticas corporais vem sofrendo adaptações para se encaixarem no mundo do esporte.

Nesse contexto, ao reviver minhas memórias discentes das aulas de Educação Física Escolar (EFE), é difícil lembrar em algo diferente de “jogar bola”. E, rotineiramente, a prática do futsal. Os conteúdos no ensino fundamental variavam pouco, eram quatro bimestres divididos entre as modalidades esportivas mais conhecidas como o Futebol, Vôlei, Handebol e Basquete, sendo honesto, me recorro de poucas situações que tematizavam outras práticas corporais. No geral, permanecemos integralmente dedicados ao aprendizado das modalidades citadas anteriormente.

Como forma de chamar a atenção da comunidade escolar para observarem a EF com outros olhos, Gonzalez (2020) afirma que a perspectiva de uma EF esportivizada é caracterizada por aulas que excluem os alunos menos habilidosos. Tal fator, acaba diminuindo as possibilidades do aluno em querer conhecer novas práticas corporais.

Conforme o início desta experiência, meus professores não consideraram a necessidade ou não tiveram recursos ou conhecimentos pedagógicos para ampliar o repertório oferecido nas aulas de EF, pois na maior parte do ensino fundamental tivemos o professor regente formado em Pedagogia que ministrava as aulas de EFE.

Seguíamos ano a ano aprendendo sobre as mesmas modalidades esportivas e ignorando outros conteúdos. No geral, estes docentes pertenceriam a primeira das três categorias discriminadas por González (2019), a atuação tradicional ou esportivizada. Esta perspectiva vem sendo predominante na EF desde a década de 1970 e seu traço mais característico é a subordinação aos códigos e preceitos da instituição esportiva na organização do ensino.

Apesar do ensino da EF nas escolas brasileiras estar passando por diversas transformações, necessário se faz o fortalecimento da busca por conhecimentos denominados cultura corporal, onde estão incluídos a prática e a reflexão sobre esportes, lutas, ginásticas, jogos, atividades rítmicas e o conhecimento sobre o corpo, conforme apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1999). Ainda hoje, existe uma priorização de conteúdos que impossibilitam os alunos de experimentarem novas práticas corporais.

Freire (1996) coloca em discussão a razão de alguns saberes serem contemplados dentro da escola e outros ficarem de fora. Onde é necessário possibilitar o desenvolvimento de novas culturas e a criação de outras através do reconhecimento de como o seu aluno é e deseja ser.

Tendo como referência essa pluralidade cultural que permeia a escola e as aulas de EF, o professor em sua prática pedagógica deverá proporcionar aos educandos a possibilidade de acessar o maior número de manifestações que compõem a cultura corporal.

No intuito de trazer novas possibilidades pedagógicas, frequentemente presenciamos professores criticarem a predominância do “quarteto fantástico” nas aulas e tentam propor mudanças tematizando conteúdos diferenciados tratados como projetos, atividades esporádicas ou comemorativas que fogem ao padrão como em eventos comemorativos. Trazendo em consideração alguns documentos norteadores como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), que discute e apresenta conhecimentos essenciais para a educação básica, que possibilitam grandes mudanças e discussões para a disciplina de Educação Física.

Nessa concepção o objetivo das aulas é proporcionar aos educandos chances de reconhecer, socializar, ressignificar e ampliar os sistemas de significação das diversas culturas através da linguagem corporal (SEMED São Paulo, 2007). Neste sentido, a EFE, como componente curricular, se baseia em abordagens que norteiam o processo de ensino aprendizagem. Por meio das descrições dessas diretrizes, os professores devem realizar suas aulas de forma que contemplem toda a cultura corporal de movimento, e isso faz com que o professor encontre dificuldades em seu cotidiano escolar.

Assim, a frequente utilização de materiais alternativos deixa uma lacuna a ser respondida, como a questão da desvalorização da EF e o sucateamento dos materiais pedagógicos, ou da ausência deles. Muitos professores se veem obrigados a “reinventar” suas aulas com “materiais alternativos”, pois nunca há materiais. Nessa perspectiva até que ponto o uso de materiais alternativos fortalece o não investimento em materiais pedagógicos para a

EF? Por outro lado, o uso desses materiais nas aulas de EF se coloca como outras possibilidades de ensino.

A esse respeito, o entorno no qual estou inserido profissionalmente influencia grandemente nessa preocupação, pois a escola na qual ministro aulas de Educação Física está localizada no sul do Estado do Amazonas e no final da BR 319 (Transamazônica), região onde é reconhecida pelo alto índice de problemas ambientais (Fearnside, 2018).

Assim sendo, percebemos que tais problemas podem ser trabalhados de maneira interdisciplinar com a reutilização de recursos advindos da natureza com o intuito de buscar adaptar materiais e espaços para a realização de aulas de EF. A busca em solucionar tais problemáticas se deu pela necessidade de unir a realidade escolar e local, tentando usar materiais alternativos para a confecção de novos instrumentos que possam ser usados nas aulas de EF, a fim de aumentar o repertório com novas possibilidades, oferecendo aos alunos novas vivências e uma nova forma de perceber a EFE.

Nesse contexto social, a região investigada apresenta uma vasta miscigenação de culturas e um povo composto por diversas etnias, assim buscamos ofertar práticas que não fazem parte da realidade dos alunos, mas que pertencem ao patrimônio da cultura local.

Diante disso, trazemos como problema dessa pesquisa “Como ensinar os jogos de mira para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental a partir do uso de materiais alternativos?”

Para isso, traçamos um percurso investigativo que partirá do objetivo geral investigar o processo de ensino dos jogos de mira para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental a partir do uso de materiais alternativos. Para tanto, foram definidos como objetivos específicos: a) Identificar os processos de sistematização do planejamento de uma unidade temática focada nos jogos de mira com enfoque no uso dos materiais alternativos; b) Analisar os processos de ensino de uma unidade temática focada nos jogos de mira com enfoque no uso dos materiais alternativos; c) Desenvolver um recurso educacional relacionado ao ensino dos jogos de mira com enfoque no uso dos materiais alternativos.

Diante desses anseios, considerando a importância do princípio da diversidade na área, indicado pelos PCNs (Brasil, 1999), entendemos que a EF escolar deve proporcionar aos alunos o maior número possível de vivências, conhecimentos e reflexões dos mais variados componentes da cultura corporal, além de práticas corporais alternativas como conteúdo a ser vivenciado neste nível de ensino (Camargo, 2024; Bracht, 2025).

Os documentos normativos abrangem uma pluralidade de manifestações corporais, entretanto os esportes que prevalecem no ensino são os chamados tradicionais, como futebol, voleibol, handebol e basquetebol, chamados na literatura como quarteto fantástico



(Gonçalves; Silva, 2023). Assim, vemos a necessidade de ofertar práticas que não fazem parte do contexto social dos alunos, mas que pertencem ao patrimônio cultural local, como o arco e flecha e a baladeira (Pereira, 2021).

O estudo aqui apresentado é firmado na questão referente ao como ensinar educação física, numa dimensão que não seja caracterizada pelo esporte de rendimento e o tecnicismo, os quais conforme Siqueira (2024) ainda são vistos de forma corriqueira nas práticas pedagógicas desta disciplina. O que se pleiteou com a realização das práticas de pesquisa foi, por meio do ensino do uso do arco e flecha, trabalhar a abordagem crítico-emancipatória de Kunz (2004; 2016), a qual não só entende a educação física como prática cultural e pedagógica, mas também voltada para a formação de sujeitos críticos e autônomos, sob a égide da cidadania e da educação integral e emancipatória (Freire, 2019; Laranjo; Saavedra Filho, 2024; Neuenfeldt *et al.*, 2024; Silva; Figueiredo, 2024; Tinôco; Araújo, 2024).

Soma-se a estes aspectos o fato de a pesquisa ter sido desenvolvida no município amazonense de Lábrea, o qual apresenta na composição antropológica e histórica de sua população o legado cultural indígena (Maximiniano *et al.*, 2020). Neste sentido, não somente para fins pedagógicos, a utilização do arco e flecha também visa fazer com que o alunado possa compreender e valorizar mais os costumes, tradições e saberes dos povos originários, os quais possuem uma forma peculiar de perceber o mundo e os fenômenos que nele ocorrem, bem como a interface entre natureza e homem (Campos; Silva; Machado, 2024; Krenak, 2022).

Além destes aspectos já mencionados, faz-se necessário pontuar sobre o elo entre o uso de arco e flecha e a abordagem desenvolvimentista. Na interpretação de Peixoto *et al.* (2024), essa referida abordagem se caracteriza pelo seu enfoque no desenvolvimento de habilidades motoras, cuja potencialização deve ser devidamente oportunizada nas aulas de Educação Física. Nisso, o que se pleiteia com a prática desta abordagem é promover o aprendizado dos alunos em Educação Física, numa dimensão que alie o movimento, as habilidades motoras e, por conseguinte, a saúde física do alunado (Gallahue; Donnelly, 2008).

Como docentes da rede pública, conhecemos as dificuldades que cotidianamente o professor atravessa em sua jornada, sendo um dos problemas mais recorrentes a questão da infraestrutura precária das escolas (Ferreira Neto, 2020). Então, buscamos com este estudo, compartilhar a unidade didática com práticas corporais denominadas de “Jogos de Mira” realizadas com materiais alternativos, com o intuito de que esse trabalho possa oferecer aos professores a possibilidade de vislumbrar e refletir sobre uma prática pedagógica que vise contribuir para a formação crítica dos educandos (Bratch, 2025; Kunz, 2013; 2016).



CAPÍTULO 1: ABORDAGENS METODOLÓGICAS E PRÁTICAS DE ENSINO REFERENTE À CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO: UM OLHAR HISTÓRICO E EPISTEMOLÓGICO À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

1.1 Educação Física Escolar: da prática a disciplina curricular

Desde sua implementação nos currículos escolares brasileiros, fato que ocorreu oficialmente em meados do século XIX, a Educação Física vem desempenhando diferentes funções, com conteúdos que foram sendo modificados ao longo do tempo.

Ghiraldelli Junior (1998) explica que a Educação Física brasileira apresenta concepções históricas, identificando-as em cinco tendências: Higienista (até 1930), Militarista (de 1930 a 1945), Pedagógica (1945 a 1964), Competitivista ou esportivista (1964 a 1985) e a Educação Física Popular (1985 até os dias atuais).

Surgiram então, várias abordagens pedagógicas da EF Escolar que segundo Darido e Rangel (2005), coexistem até hoje, tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional. Modelo perpetuado por um longo tempo dentro da área. Uma das maiores requisições do “movimento renovador” era que a EF deixasse de ser encarada como atividade e passasse a uma condição de disciplina escolar.

Neste contexto, a Educação Física brasileira passou por várias transformações ao longo da história, sendo as tendências pedagógicas as mais evidentes e as abordagens críticas, tendo uma grande contribuição para o crescimento da disciplina. No entanto o modelo Esportivista, também chamado de tradicional ainda perpetua dentro dos muros das escolas, em especial no município de Lábrea, Amazonas, o que coaduna com o pensar de Siqueira (2024).

A Educação Física Escolar (EFE) teve objetivos diferentes daqueles que temos hoje em dia. A princípio, foi denominada como ginástica, tendo como preocupação central o desenvolvimento de hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral, por meio do exercício físico como afirmam (Darido; Rangel, 2005). No início, a concepção de caráter higienista era dominante, pois recebia influência direta dos médicos e nas aulas o conteúdo predominante estava relacionado à saúde e formação de hábitos de higiene dos alunos.

A Educação Física teve várias influências em seu processo de formação, de acordo com as suas necessidades em cada época vivida. Teve influência médica, na qual teve função

higienista, para que fosse ensinada a população hábitos saudáveis. Logo após, o regime militar deixou um marco importante.

Os governos militares que assumiram o poder em março de 1964 passam a investir pesado no esporte, na tentativa de fazer da educação física um sustentáculo ideológico, na medida que ela participaria na promoção do País através do êxito em competições de alto nível. Nesse período, a ideia central girava em torno do Brasil-Potência, no qual era fundamental eliminar as críticas internas e deixar transparecer um clima de prosperidade e desenvolvimento (Darido; Rangel, 2011, p. 4).

Ainda sobre o regime militar, a EFE teve influência militar na qual os alunos eram tratados como simples soldados, preparados fisicamente para proteger a nação. Sofreu também, influência do esporte, onde procurava formar atletas e as aulas eram voltadas para alunos que estivessem mais bem preparados para ser atleta, o restante era excluído gradativamente (Darido, 2003).

Em se tratando de uma educação pública, faz-se necessário mencionar alguns marcos legais que tratam as questões da EFE ao longo do tempo e, principalmente, nos dias atuais. Partindo deste ponto, o Art. IV, do Estatuto da Criança e do Adolescente, trata especificamente do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. Já o Art. 205 da Constituição Federal retoma que, a Educação é colocada com o objetivo de promover o pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Diferentemente dos demais componentes curriculares, a EFE é uma disciplina essencial para que os estudantes possam movimentar-se e desenvolver todas as suas habilidades, quer sejam: motora, cognitiva, social, emocional (Magalhães; Koba; Godoy, 2007). Soma-se a isso a promoção do desenvolvimento integral do aluno (Kunz, 2004; 2016), bem como a vida saudável que irá continuar interna e externamente à escola, por meio do conhecimento pluralista culturalmente produzido pela sociedade ao longo da história.

Desta maneira, para entendermos melhor a importância da EFE, a disciplina propõe, por meio das experiências motoras, a apropriação crítica e cultural de seus conteúdos, articulando o conhecimento para ressignificação da prática e da formação humana. Deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos, conforme dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997).

Ao abordar a Educação Física como parte integrante do currículo escolar, é crucial considerar a diversidade de interesses e habilidades dos alunos. Proporcionar ampla variedade

de práticas corporais, que vão desde esportes tradicionais até práticas mais contemporâneas, permite que cada estudante encontre uma forma de se engajar e se beneficiar da disciplina.

A partir de abordagens e da sistematização de cada prática corporal o estudante tem a oportunidade de acessar uma dimensão do conhecimento e ressignificar suas experiências. Os conteúdos vinculados à EFE como danças, jogos e brincadeiras, lutas, esportes, temas relacionados à saúde, entre outros, compõem o rol de saberes que podem instrumentalizar o discente para lidar com diversos aspectos de sua vida.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (2018) ressalta que as Práticas Corporais expressam um conhecimento único e propicia aos estudantes oportunidades de aprendizagem ligadas a diversos aspectos de sua corporeidade. O documento ressalta que as experiências com as Práticas Corporais na escola é um importante meio de construção do conhecimento e de percepção do mundo e de si mesmo.

É tarefa da EFE, portanto, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de praticá-las, e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente, sendo seus principais objetivos: beneficiar o desenvolvimento motor; integrar socialmente; colaborar para que os alunos adquiram autoconfiança; melhorar a autoestima; trabalhar a expressão do aluno; reduzir o estresse pelas pressões do dia a dia; cooperar para um estilo de vida melhor; contribuir para resolução de problemas; favorecer o autoconhecimento (Brasil, 2001).

Segundo Darido e Rangel (2005), surgiram várias abordagens pedagógicas da EFE que, coexistem até hoje, tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional. Modelo perpetuado por um longo tempo dentro da área. Nesse sentido, as abordagens críticas relacionadas ao ensino da Educação Física apareceram na tentativa de romper com o modelo hegemônico do desporto praticado nas aulas desta disciplina curricular. Essas abordagens buscam superar as contradições e injustiças sociais, atreladas às possibilidades de transformações sociais, econômicas e políticas em contraposição ao caráter alienante da Educação Física na escola.

Além disso, é importante destacar a relevância do desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais, que contribuem não apenas para o desempenho esportivo, mas também para a autonomia e confiança dos alunos em seu cotidiano. A Educação Física pode, assim, desempenhar um papel essencial no desenvolvimento social dos estudantes.

Para Darido, González e Ginciane (2018), é necessário que haja maior variação das práticas corporais tratadas nas aulas de EF e que estas sejam abordadas enquanto conteúdos

curriculares, em proposições didáticas que propiciem aprendizagens efetivas e que contemplem as diferentes dimensões do conhecimento.

Os conteúdos selecionados para as aulas de EF devem ter relevância social, ser contemporâneos e adequados à realidade dos alunos para que estes possam confrontar conhecimentos científicos e populares objetivando ampliar seu acervo de aprendizado e assim tenham a possibilidade de transformar a realidade local. Nesse contexto, as experiências vivenciadas pelos estudantes durante a fase escolar devem ser apreciadas para que os mesmos tenham a possibilidade de se desenvolverem de maneira mais ampla. Essas experiências devem ser proporcionadas pelos conteúdos da EFE.

1.2. Uma crítica a predominância do quarteto fantástico.

Discutir acerca da eleição dos conteúdos curriculares da EF, na nossa visão, revela-se de extrema importância para estabelecer os referenciais indelétricos que gostaríamos que a sociedade construísse acerca desta. Esta discussão encontra na historicidade da EF importantes indícios para acreditar que os conteúdos curriculares estabelecem uma relação direta com a visão sobre a área.

Sobre esta discussão, Darido (2001) argumenta que a comunidade entende a EF na escola a partir de dois fenômenos sociais (marcantes em sua historicidade), o esporte e a ginástica. O impacto da mídia sobre a escolha dos conteúdos e sobre a forma como eles são transmitidos, também não pode ser desprezado.

O aluno que entra na escola interessado e ansioso por todos os conhecimentos que o universo escolar pode oferecer, especialmente os relativos à EF, tem seus primeiros contatos com os saberes, e, acaba por eleger a EF como sua disciplina preferida. Entretanto, não se torna atrativo para o aluno que haja uma repetição de conteúdos em todas as etapas iniciais do ensino fundamental, mesmo que muito interessante, por várias e várias vezes seguidas acaba não ampliando o repertório motor, cognitivo e cultural (Macêdo; Carneiro, 2023).

Para Betti (1999), é preocupante deixar o aluno se decepcionar tanto quanto naturalizar o quarteto fantástico como o conteúdo da EF. É curioso observar o interesse do aluno quando está nos anos iniciais em relação à EF e como esse arroubo diminui com o passar dos anos.

Essa normalização do trato com o “quarteto fantástico”, nas aulas de EF, também é evidenciada no trabalho de Gonçalves e Chagas (2025), cujo estudo diz que, atualmente na

EFE, docentes ainda desenvolvem somente o “quarteto fantástico”, com base na cultura antiga que se tinha no ambiente escolar e afirmam que a cultura esportiva em nossa sociedade está imbricada com os meios de comunicação existentes na atualidade, levando a uma hegemonia dos esportes coletivos ao longo do tempo.

Presenciamos de forma muito clara um repertório de práticas que contemplavam basicamente as práticas desportivas. Até mesmo a vivência de outros componentes do “quarteto fantástico” negligenciada à turma, vivenciando uma falta de amplitude e variação de conteúdos tratados nas aulas.

De acordo com Bracht (1999, p.87), o esporte se desenvolveu “no mesmo caldo sociocultural em que se desenvolveu a ciência moderna”, e assim, é possível concluir que esse “caldo sociocultural” passa a exercer um forte poder determinante na EFE, à medida que o esporte passa a constituir-se em conteúdo hegemônico desta área. Tanto é que, ainda nos dias de hoje, lutamos para construir um entendimento de esporte como uma tematização na EF ao invés de seu sinônimo conceitual.

Por outro lado, faz-se necessário apresentar novas possibilidades de práticas corporais aos nossos alunos. O afastamento dos alunos das aulas pode ser amenizado com uma atitude proativa do docente por meio da diversificação dos conteúdos, e isso acontecerá, além do trato pedagógico ideal por duas razões: (1) o conhecimento é um elemento atrativo e desperta interesse em muitos alunos por ser uma novidade; (2) uma temática diversificada amplia as possibilidades de identificação e sucesso entre os alunos (Darido; González; Genciane, 2018; González, 2020).

Esta diversificação dos conteúdos é possível e de grande importância para a EFE. Podemos lançar mão de vastíssimo leque de práticas corporais existentes e assim proporcionar aos alunos maior vivência dessas práticas, como também a possibilidade de novas práticas. É neste sentido que o presente estudo destaca a abordagem crítico-emancipatória de Kunz (2004; 2013; 2016), a qual compreende que a Educação Física pode sim colaborar com a formação de alunos autônomos, críticos e aptos ao envidar de transformações positivas no contexto social.

Dentre os principais eixos estruturantes desta abordagem, há a questão pertinente a emancipação, num panorama em que a aprendizagem corporal culmine na autonomia do indivíduo, de maneira que isso possa suplantear a ideia de que Educação Física é tão somente repetição de movimentos (Kunz, 2013; 2016). Além disso, há a questão da crítica, a qual se mostra presente no que se refere ao despertar consciencial dos alunos a respeito das práticas

corporais e seus respectivos significados socioculturais, o que abrange os jogos, as lutas e a dança (Bracht, 2025).

Há também a questão da interação e da comunicação, situações essas que remetem a Habermas (2012). Na perspectiva crítico-emancipatória, há a valorização do diálogo, da cooperação e da argumentação no desenvolvimento das aulas de Educação Física (Kunz, 2013; 2016). Isso é importante para que os alunos possam desenvolver empatia uns com os outros, além de reiterar a questão da socialização entre eles (Camargo, 2024). Soma-se a estas questões a questão do movimento humano, entendido por Kunz (2004; 2013; 2016) como expressão comunicativa e cultural, o que transcende o entendimento voltado apenas para a parte da execução técnica. Nessa perspectiva, o corpo fala e se expressa por meio dos movimentos com o mundo (Siqueira, 2024). Ao citar Kunz (1994), o estudo de Tinôco e Araújo (2020, p.3) traz os seguintes detalhes a respeito da cultura do movimento, conforme de pode ler a seguir:

Dessa forma, Kunz (1994, p.68) defende um novo objeto de estudo, a “Cultura de Movimento”, qual seja todas as atividades do movimento humano no esporte e no sentido amplo dele e “[...] que pertencem ao mundo do se-movimentar humano, o que o homem por esse meio produz ou cria, de acordo com a sua conduta, seu comportamento, e mesmo as resistências que se oferecem a essas condutas e ações [...]”.

No ideário de Kunz (2004; 2013; 2016), o papel do professor nas aulas de Educação Física deve ser o de mediador, o que rompe com a ideia do docente como um mero transmissor de conteúdos, o que também é criticado por Freire (2019). Além disso, estas aulas devem se notabilizar pela existência de situações-problema, de maneira que, por meio disso, seja possível fomentar nos alunos a reflexão a respeito das práticas corporais e seus respectivos sentidos (Tinôco; Araújo, 2020). Assim, o enfoque se dá mais sobre o aprendizado do que necessariamente com relação ao rendimento físico do aluno (Kunz, 2013; 2016).

Ainda consoante essa visão crítica ao chamado quarteto fantástico, destaca-se neste estudo a questão da abordagem desenvolvimentista. Uma das principais características dessa abordagem reside no fato de ela focalizar sobre a questão do movimento, sendo este um fator que deve ser trabalhado tendo em vista as habilidades motoras dos alunos (Lúcio; Moreira, 2024). Com isso, tem-se como um dos resultados esperados a elevação do repertório motor da criança, seja em aspectos qualitativos como também quantitativos (Tani, 2008).

O estudo de Lima (2025, p.15) destaca os objetivos e os fundamentos da abordagem desenvolvimentista de Educação Física, conforme se pode ver a seguir.

Objetivos:

- Desenvolver habilidades motoras básicas, como andar, correr, saltar, arremessar e rolar
- Promover a aquisição de habilidades motoras adequadas às faixas etárias
- Desenvolver o controle motor

Fundamentos:

- Baseia-se nos conhecimentos do Comportamento Motor
- Fundamenta-se nos princípios da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem motora

Características:

- Divide as fases de crescimento por cronologia, destacando as particularidades da infância, pré-adolescência e adolescência

Apresenta uma sequência de desenvolvimento motor e faixa etária aproximada para cada fase de desenvolvimento

- Tem como foco de atenção os processos de aprendizagem motora
- Resulta em alterações no comportamento motor, ao longo da vida.

O surgimento da abordagem desenvolvimentista em Educação Física no Brasil remete aos anos 1970 e 1980, de maneira que a sua existência pode ser vista como um contraponto ao que se via no campo da Educação Física, o qual nessa referida época apresentava como enfoques o rendimento físico (Tani, 2008; Siqueira, 2024). Pode-se considerar também que a abordagem desenvolvimentista visava inicialmente ser uma referência teórica para os profissionais, em especial, os professores de Educação Física, uma vez que neste tempo não se tinham muitas propostas pedagógicas que teorizassem essa respectiva disciplina (Oliveira *et al.*, 2025).

Entretanto, é necessário pontuar que nem sempre os pontos de vista sobre a abordagem desenvolvimentista são positivos. Há críticas que são feitas a essa abordagem, como, por exemplo, o fato de ela ser proeminentemente biológica. Tani (2008) faz menção a essa crítica, mas pondera dizendo que a proposta da abordagem desenvolvimentista consiste em entender a criança como o resultado de seus respectivos domínios: a) motor; b) cognitivo, e; c) afetivo.

Por isso, convém dizer que o entendimento da abordagem desenvolvimentista em Educação Física abarca reconhecer que em sua composição há aspectos referentes a abordagem desenvolvimentista-interacionista de Piaget (2007) e de Vygostky (2004), os quais coadunam com a ideia de desenvolvimento humano, mais precisamente, com a teoria de Darwin e a sua dimensão biológica e fisiológica da evolução humana (Lima, 2025). É neste sentido que a abordagem desenvolvimentista faz uso do que Vygostky (2007) denomina de psicologia do desenvolvimento, conforme o que é pontuado por Davis (1990, p.19):

Ao contrário de outras espécies, as características humanas não são biologicamente herdadas, mas historicamente formadas. De geração a geração, o grau de desenvolvimento alcançado por uma sociedade vai sendo acumulado e transmitido, indo fluir, já desde o nascimento, na percepção que o indivíduo vai construindo sobre a realidade, inclusive no que se refere às explicações dos eventos e fenômenos do mundo natural.

Ao descreverem os principais aspectos da abordagem desenvolvimentista, Lúcio e Moreira (2024) dizem que ela ao apresentar como cerne o aprendizado de habilidades motoras, entende que, a partir disso, as crianças tenham condições de adaptação referente as suas respectivas situações do cotidiano. Neste sentido, Gallahue e Donnelly (2008) dizem que os professores de Educação Física sob a égide da abordagem desenvolvimentista é o de mediar o processo de desenvolvimento das chamadas habilidades motoras fundamentais das crianças na faixa entre 2 e 7 anos, o que, por sua vez, abrange a manipulação, a locomoção e o equilíbrio, de maneira que essa referida faixa etária é a mais indicada para o aprendizado destes movimentos.

Essa relação entre idade e movimento no contexto do desenvolvimento da criança é explanado por Gallahue e Ozmun (2005), cuja obra apresenta a seguinte categorização. Os chamados movimentos reflexos são aqueles desenvolvidos pela criança na fase de 0 até 1 ano de vida, etapa da vida na qual o bebê efetua movimentos de sobrevivência, de natureza involuntária (Macedo, 2024). Já na fase que compreende entre 1 e 2 anos, tem-se os movimentos rudimentares, onde o bebê passa a fazer movimentos voluntários e ao passar a ter equilíbrio, já consegue ficar com o seu corpo com a postura em pé, bem como andar (Marinho, 2024).

A fase a qual Gallahue e Donnelly (2008) se referem e que na qual é recomendável trabalhar a abordagem desenvolvimentista é a que engloba dos 2 até os 7 anos, o que compreende a etapa de potencialização das habilidades motoras. Isso engloba a prática de determinados movimentos, tais como chutar, correr e se locomover. Neste sentido, os movimentos podem ser trabalhados em estágio inicial, os quais apresentam pouco grau de coordenação, bem como movimentos elementares, com a elevação da eficiência e do controle, e ainda, os movimentos maduros, com maior grau de precisão (Gallahue; Ozmun, 2005).

A partir de 8 anos até 7 anos mais a frente, pode-se desenvolver o último grupo de movimentos, conhecido como habilidades motoras especializadas. Isso abarca a transição da criança para a execução de movimentos mais específicos, bem como a sua respectiva aplicação e utilização vitalícia (Gallahue; Ozmun, 2005). No caso do uso do arco e flecha,

mais precisamente no contexto deste estudo, pleiteou-se trabalhar as habilidades motoras dos alunos partícipes do estudo, tenho em vista os movimentos do corpo, a precisão na mira, o manuseio do arco e flecha, bem como as técnicas para acertar o alvo (Peters; Lima, 2025), conforme será descrito mais adiante no que se refere as oficinas que integraram a prática da pesquisa vinculada a esta dissertação.

1.3. Conteúdos da Educação Física Escolar

Para iniciar a discussão sobre conteúdos na EFE é preciso esclarecer o seu conceito, uma vez que este termo é tão utilizado quanto mal compreendido. O estudo de Coll *et al.* (2000) define conteúdo como uma seleção de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta, etc., cuja assimilação é considerada essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequada ao aluno.

Libâneo (1994), do mesmo modo que Coll *et al.* (2000) e Zabala (2015), entende que conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida.

A EFE abrange uma variedade de conteúdos formada pelas diversas manifestações corporais criadas pelo ser humano ao longo do tempo. São eles jogos, brincadeiras, danças, esportes, ginásticas e lutas, este conjunto de práticas tem sido chamado de cultura corporal de movimento. Darido (2005), ainda complementa que por se tratar de um conjunto de saberes diversificado e riquíssimo, existe a possibilidade de transmiti-lo na escola,

Contudo, observamos certa preocupação, por parte de professores que buscam novos rumos para EFE, e iniciam uma jornada em busca de atualizações e na construção de propostas pedagógicas que considerem esse novo papel atribuído à Educação Física, qual seja, a integração do aluno na esfera da cultura corporal de movimento (Betti, 1991).

Por se tratar de um conjunto de saberes diversificado e riquíssimo, existe a possibilidade de medi-lo no ambiente escolar, porém não é o que se observa na maioria das aulas de Educação Física.

A BNCC em relação à EF indica três elementos fundamentais e comuns para que haja práticas corporais: o movimento corporal, a organização interna e o produto cultural. O documento também organiza os conteúdos da EF em 'Unidades Temáticas', que são: Brincadeiras e Jogos; Esportes; Ginásticas; Danças; Lutas e



Práticas Corporais de Aventura. Cada “Unidade Temática” tem os seus “Objetos de Conhecimento” que devem ser contemplados pelo currículo durante os anos de escolaridade e referem-se aos conteúdos, conceitos e processos mobilizados através de diferentes habilidades (Brasil, 2018).

Consideramos neste sentido a diversidade de conteúdos propostos pelos documentos normativos como conhecimentos a serem tratados, problematizados, discutidos, tematizados, reproduzidos, transformados, criados e ressignificados nas aulas de Educação Física. Verifica-se assim que diversos são os conteúdos possíveis de serem trabalhados ao longo da educação básica, a fim de contribuir para um maior leque de experiências e vivências da Cultura Corporal do Movimento (Santos; Pizzi, 2024).

Em muitos casos, porém, estes conteúdos são distribuídos sem nenhuma sistematização e são apresentados de forma desordenada ou aleatória, ou seja, estes são organizados ou sequenciados sem critérios mais consistentes (Figueiredo; León; González, 2024). Não bastasse este fato, é muito comum que estes conteúdos esportivos sejam transmitidos superficialmente, apenas na ótica do saber fazer, ocasionando a falta de aprofundamento dos conteúdos propostos para a Educação Física na escola (Darido, 2001).

Nesse contexto, os professores de Educação Física, ainda influenciados, sobretudo pela concepção esportivista, continuam restringindo os conteúdos das aulas aos esportes mais tradicionais, como, por exemplo, basquetebol, voleibol, handebol e futebol, conhecidos também, como o “quarteto fantástico”.

1.4. Novas possibilidades de práticas corporais

O Professor de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental tem um papel de grande responsabilidade, pois ele ajuda não só na técnica e no desenvolvimento dos seus alunos, mas trabalha com valores cognitivos, morais, sociais e culturais, pois o mesmo mostra aos seus alunos uma expectativa ótima sobre a prática da EF (Almeida, 2025) Esta atuação profissional deve ser coerente e bem planejada, já que nessa fase o aluno traz consigo uma bagagem do meio social no qual ele vive, principalmente no que diz respeito a experimentação de novas práticas corporais.

Faz-se necessário estimular a participação de todos os alunos durante as atividades propostas, onde os mesmos terão a oportunidade de vivenciar, conhecer e reforçar a cultura corporal de movimento, ou seja, os aspectos históricos, sociais e culturais. Segundo Bracht (2011, p. 3): [...] as práticas inovadoras procuram superar a supremacia do esporte, buscando

propiciar aos alunos o acesso às danças, aos diferentes jogos populares, as diferentes formas de ginástica, aos esportes ditos radicais, etc.

Nesse contexto, os professores que são chamados de inovadores na maioria das vezes se deparam com uma cultura escolar que resiste há muito tempo as mudanças. Um fator de resistência que podemos destacar é o de que os alunos enxergam a Educação Física como uma aula de mero divertimento, uma aula livre sem nenhum objetivo.

Para Betti (2020), a EF escolar deve desenvolver as suas atividades para além da prática pela prática, não centralizando os conteúdos e restringindo-se ao modelo esportivista, definindo então a EFE como disciplina que tem por finalidade propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, visando formar o cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais do movimento humano.

Nas escolas a elaboração, o planejamento, os conteúdos, os objetivos e a avaliação são tarefas que exigem muita atenção por parte do professor, pois esses fatores se fazem muito importantes para um bom desenvolvimento das aulas (Scarpato; Campos, 2024). Essa é uma situação que abrange o trabalho professoral não apenas nas aulas de Educação Física, sendo elas essenciais para o êxito no trabalho docente, tendo em vista o aprendizado dos alunos (Zabala, 2015). A entrada no âmbito escolar, para qualquer criança, cria uma série de expectativas, além de revelar suas experiências e conhecimentos. Entre estes destaca-se a bagagem corporal que foi desenvolvida nas brincadeiras de correr, pular, saltar e jogar (Oliveira; Gonzaga, 2024).

Desta forma a função da escola é proporcionar ao educando um bom uso dessas vivências no decorrer de sua vida. Mais do que isso, a escola deve ampliar e aperfeiçoar estas experiências, de forma que a criança aprenda a conhecer, respeitar e conviver com o seu corpo e o do outro (Santin 1987; Strazzacappa, 2001).

Talvez, com um ímpeto maior, se livrar do conformismo e não deixar a falta de estrutura e material para as aulas servir de fator basilar para a definição do que será tratado nas aulas. Deve-se utilizar dos materiais alternativos para fornecer o mínimo de uma aproximação com os conteúdos, e até mesmo esportes diferentes, para que os alunos tenham possibilidade de ter contato com uma parte significativa e importante da cultura corporal (Fraga; Silva, 2024).

Além disso, ao se trabalhar com materiais alternativos, podemos suscitar junto aos alunos questões concernentes a sustentabilidade e ao meio ambiente, situações essas nas quais conforme Ribeiro (2023) os professores da educação básica lidam com dificuldades para

contextualizar suas disciplinas com temas sustentáveis. O respeito a natureza e a necessidade de se repensar a relação natureza-homem é essencial no tocante a formação cidadã e o desenvolvimento integral dos alunos (Araújo; Pedrosa, 2014; Lima, 2020). Tal situação se mostra ainda mais conexa ao contexto amazônico, o qual é conhecido mundialmente pela riqueza de sua biodiversidade (Oliveira; Ferreira, 2024).

Com o intuito de proporcionar aos alunos a experimentação de novas práticas corporais, ocorreu a utilização de uma alternativa aos esportes de precisão, tendo como intuito propiciar ao aluno a possibilidade de vivenciar outras possibilidades de conhecer sua própria vivência, em especial no contexto amazônico (Almeida *et al.*, 2025). Isso é necessário para que os alunos sejam indivíduos que adquirem conhecimentos por meio de uma dimensão cultural e ter a oportunidade de se identificar com a cultura do movimento (Cardoso; Nascimento, 2024). É neste contexto que o estudo destaca a unidade didática de “Jogos de Mira”, voltada para os anos iniciais do ensino fundamental.

CAPÍTULO 2: O ENSINO DOS JOGOS DE MIRA NO CONTEXTO ESCOLAR

2.1 Os jogos de mira como conteúdo para as aulas de Educação Física

O ensino dos Jogos de Mira na escola ainda é pouco trabalhado dentro dos conteúdos programáticos. Por isso, na condição de professores, temos um grande desafio para inserir esta temática, ensinando de modo apropriado por meio de discussões, debates, ensino de aspectos históricos e técnicos, de maneira que os participantes possam compreender a importância que representa o conhecimento dessas práticas, resgatando os valores e a cultura do povo local.

Cumprir fazer menção ao fato de arco e flecha representarem uma modalidade olímpica, conforme explanado no trecho destacado a seguir:

O arco e flecha ocupa o espaço de esporte olímpico desde 1900, quando fez parte das modalidades dos Jogos Olímpicos de Paris. Na ocasião, somente homens praticavam. Hoje, com o empoderamento feminino, inúmeras mulheres também se tornaram hábeis arqueiras. Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, sediado pelo Japão em 2021, a coreana *An San* conquistou sua terceira medalha de ouro na modalidade. O Arco e flecha, enquanto modalidade esportiva, é coordenado pela *Federation Internationale de Tir l'Arc*, fundada em 1931, abrangendo 108 países. Sua prática requer concentração e propulsão da força exata para atingir o alvo. Oficialmente as distâncias de 90 m, 70m, 50m e de 30m compõe uma das regras oficiais do esporte. Como atividade física, o esporte desenvolve coordenação motora, coordenação

óculo-manual e de alvo e, sendo considerada uma atividade estática, “requer força e resistência da parte superior do corpo, particularmente nos braços, cintura e ombro. A habilidade do arqueiro é definida pela capacidade de atirar a flecha no alvo em um determinado intervalo de tempo com máxima precisão” (Reis; Seelaender, 2010, p. 431). Portanto, essa prática mesmo que recreativa desenvolve a precisão e a concentração, habilidades imensamente necessárias para o processo de memorização, associação, utilizados no ato do letramento e também das habilidades exatas.

Baseada na realidade escolar na qual o professor autor do estudo está inserido, propõe-se a aplicação de uma unidade didática através do ensino dos Jogos de Mira. Também é importante abordá-la como práticas corporais com importância histórica e social, presentes atualmente, nos povos que habitam na região investigada, em suas formas de sobrevivência e na importância dela em determinadas épocas (Souza; Soares, 2013). A Figura X exemplifica um indígena fazendo uso de arco e flecha, conforme se pode ver a seguir.

Figura 1: Indígena utilizando arco e flecha



Fonte: Ferreira e Vinha (2015).

Sobre a etimologia do arco e da flecha, o estudo de Peters e Lima (2025, p. 11) traz ao campo do debate os seguintes informes:

A palavra arco, segundo o dicionário português, significa arma portátil e perfurante, constituída de vara forte e flexível com uma corda presa às suas extremidades, com que se atiram flechas; flechas significa haste ou seta com uma das extremidades pontiaguda e a outra chanfrada para ser arremessada com arco. Percebe-se que são dois objetos diferentes na propositura de um trabalho coletivo.

Falar sobre jogos de mira abarca a menção a utilização de arco e flecha. Para fins contextuais, o uso destes instrumentos remete aos jogos tradicionais indígenas, os quais são descritos pelo estudo de Ferreira *et al.* (2006, p. 33), conforme trecho destacado a seguir:

Os jogos tradicionais indígenas são atividades corporais com características lúdicas, pelas quais permeiam os mitos e os valores culturais. Eles requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou chances. Geralmente, são jogados em rituais, para agradar a um ser sobrenatural e/ou para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Visam, também, a preparação do jovem para a vida adulta, a socialização, a cooperação e/ou a formação de guerreiros. Os jogos ocorrem em períodos e locais determinados, as regras são dinamicamente estabelecidas, não há geralmente limite de idade para os jogadores, não existem necessariamente ganhadores/perdedores e nem requerem premiação, exceto prestígio. A participação em si está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo.

Num breve contexto histórico, frisa-se que a história do arco e flecha é bastante antiga, de maneira que consoante Duarte (2016), as descobertas arqueológicas quanto ao uso destes instrumentos remetem a mais de 10.000 anos atrás. Tanto o arco como a flecha foram aperfeiçoados pelo Homo Sapiens, numa dimensão em que Batista e Bazzo (2015) denominam como tecnologia, no sentido de aprimorar coisas que já existem. No processo evolutivo da humanidade, arco e flecha possuem simbolismos que são vinculados a situações em que o ser humano deve demonstrar força, direção, foco e precisão (Ibrath, 2023).

Em seu estudo, Melo (2018, p. 15) explana sobre os arcos primitivos e sua evolução até os jogos olímpicos, como se pode ver no trecho adiante destacado:

Os arcos primitivos eram menores, utilizados para a caça por índios nas Américas, na Europa e no Oriente. Através da história desse artefato, sabe-se que os egípcios foram os primeiros a desenvolver os arcos compostos primitivos, esses feitos de diversos materiais. A corda desse arco era feita com intestinos de carneiros esticados. No Egito, os arqueiros utilizavam esse artefato sobre carruagens. Durante a Idade média, e segundo relatos bíblicos, nesse período o poder dos exércitos dessas nações dependia dos arqueiros infames (a pé) ou montados. Na Grécia antiga, o arco foi utilizado como esporte desde os Jogos Olímpicos, assim como foi muito utilizado em festividades egípcias, assírias, babilônicas e nos Jogos Romanos do Coliseu. Vemos dessa maneira que o arco foi utilizado em diversas culturas por diversos motivos, surgindo como esporte nos tempos modernos, embora fosse já considerado um esporte por diversos povos.

Quanto a sua finalidade, o arco e flecha servem tanto com instrumentos de guerra, como também para viabilizar a subsistência, em especial nas ações de caça e de pesca (Peters; Lima, 2025). No que se refere ao uso de arco e flecha e sua relação com a Educação Física, convém mencionar que essa atividade faz parte do que Gosso e Ota (2003) denominam como jogo de contingência física. Frisa-se que a sua prática se caracteriza pelo manuseio de objetos

específicos, por meio dos quais não só a criança consegue exercitar as relações causais e espaciais, como também notar a relação causa-efeito, por meio dos movimentos por ela realizados, os quais culminam no disparo da flecha até o alvo pretendido (Reis, 2020).

Sobre o arco e flecha, Souza e Soares (2013, p. 3) dizem o seguinte:

O arco e flecha é uma prática corporal presente no cotidiano dos povos indígenas. São utilizados, principalmente, para fins de caça e pesca comum entre essas populações, no entanto, tal prática vem sendo deixada de lado, pelo fato da escassez do próprio alimento pelo qual eles mantêm sua subsistência e também por não terem como praticar ao mudarem de endereços para o meio urbano.

Esta situação do desuso gradual do arco e flecha dita por Souza e Soares (2013) é corroborada por Adeodato e Viana (2016), a qual diz que as raízes culturais indígenas vêm se perdendo com o tempo, de maneira que arco, flecha e demais apetrechos acabam se tornando objetos de decoração na casa de determinadas comunidades indígenas que se mostram mais próximas de zonas urbanas. Entretanto, em outras localidades, não somente o arco e flecha, mas demais instrumentos, tais como a zarabatana continuam sendo utilizados atualmente, ainda para fins recreativos. Essa foi a realidade percebida por Peinado (2025) na localidade conhecida como Triângulo Tukano, na qual arco e flecha dizem respeito a uma das modalidades esportivas tradicionais, juntamente com a natação, a canoagem, a zarabatana, as corridas livres e a corrida de aturá, nome dado a um cesto produzido com envira e cipó.

Ainda segundo Peinado (2025, p. 41):

Como já mencionado, as modalidades tradicionais citadas foram gradativamente acrescentadas como atividades esportivas nos Jogos do Triângulo Tukano, em virtude da preferência dos atletas pelo futebol, modalidade esportiva institucionalizada e incentivada no passado pelos salesianos em Iauaretê, Pari-Cachoeira e Taracuí, e nas demais sedes das missões salesianas implantadas no Alto Rio Negro.

Considerando que, nesse período, os pré-adolescentes e adolescentes passavam a maior parte do ano nas escolas-internatos, local onde as brincadeiras e costumes indígenas não eram praticados por não serem permitidos, isso trouxe como consequência o apagamento dos jogos e brincadeiras tradicionais do cotidiano indígena, colocando tais atividades em segundo plano e causando um grande impacto entre as crianças e jovens da época na maneira de vivenciar suas tradições e outros costumes.

Diante da supremacia que os esportes institucionalizados exerciam sobre os jogos tradicionais, surgem as reflexões e lutas das lideranças indígenas do Triângulo Tukano para que essas práticas também fizessem parte dessa importante manifestação sociocultural. Por se tratar dessa importante integração das modalidades tradicionais com as modalidades não indígenas no meio esportivo, torna-se relevante abordar a utilidade do arco e flecha e da zarabatana no passado e sua simbologia na cultura indígena.

Mas, apesar de serem vistos como modalidades tradicionais esportivas indígenas, tanto arco e flecha como demais práticas nem sempre recebem a devida atenção nas escolas amazônicas. O estudo de Costa *et al.* (2024) feito junto a professores de escolas públicas em Macapá constatou que a maioria dos docentes desconhece os esportes amazônicos e, quando demonstram conhecimento, enfrentam barreiras para o seu ensino, o que abarca falta de contato com estes esportes na formação inicial, carga horária de trabalho excessiva e escolas com infraestrutura precárias.

O processo de construção dessa Unidade Didática (UD) teve início durante a disciplina de Problemáticas da Educação Física ministrada no Mestrado Profissional em Educação Física - PROEF. Nessa disciplina, fomos desafiados a indagar porque não inserir outras práticas corporais e vencer a predominância dos esportes mais tradicionais.

A partir da definição da prática corporal, é importante refletir sobre o que será ensinado aos alunos, de forma com que eles possam estabelecer uma relação próxima ao objeto de conhecimento. Com isso, a prática pedagógica pode iniciar pelo processo de ensino para a compreensão dos referidos conteúdos, abordando as regras gerais, as habilidades motoras, como também o contexto histórico e cultural (Almeida, 2025). Assim, os alunos puderam experimentar e desenvolver a sua capacidade crítica, reflexiva e atribuir um sentido e significado (Reis, 2020).

A primeira etapa consiste em identificar as dificuldades que os alunos apresentam no conhecimento do repertório da cultura corporal, de forma a chegar a um diagnóstico da turma. Assim, na segunda e terceira etapas selecionamos os problemas que mais geram baixo desempenho nos alunos, a fim de organizá-los em conteúdos a serem trabalhados em aula.

A quarta etapa teve o princípio de estabelecer os objetivos de aprendizagem, com uma sequência de conhecimentos e competências do que os alunos devem aprender. Aqui utilizaremos os objetivos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), referentes ao 4º ao 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

Por último, temos a etapa que se refere a organizar as aulas, lembrando que para ensinar uma prática corporal é necessário ensinar “o que fazer”, “como fazer” e “quando fazer”. Assim, os alunos desenvolverão as suas habilidades táticas e técnicas, compreensão do esporte e também a reflexão sobre a prática (González; Bracht, 2012).

Buscamos, por meio dessas aulas, propiciar ao aluno a possibilidade de vivenciar o novo, perceber-se como um indivíduo que adquire conhecimentos por meio de uma dimensão cultural e ter a oportunidade de se identificar com o jogo. Portanto, com o presente estudo

visamos elaborar e aplicar a unidade didática envolvendo os Jogos de “Mira”, com foco nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2.2 O arco e flecha na escola

Tomar como base um artefato cultural dos povos indígenas da região amazônica para abordar elementos históricos, geográficos, científicos, matemáticos e tecnológicos dos povos que fizeram ou fazem uso do arco e flecha nessa região foi o que nos motivou a produzir um material didático de apoio para as séries iniciais a partir desse tema.

Um material didático constitui-se “um mediador entre a intenção do ensino e os resultados obtidos pelos alunos” (Botas; Moreira, 2013, p. 262). Assim, a depender do objetivo da aula, o professor poderá dispor desse material de modo que os objetivos sejam alcançados, favorecendo, igualmente, a aprendizagem de seus alunos. Pautado pelo o que afirma a BNCC, devemos:

[...] valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2018, p. 18).

Consideramos ser de fundamental importância valorizar e contextualizar saberes e tradições dos povos que nos antecederam, para oportunizar, a partir de sua cultura, um ensino mais significativo. Logo, o material didático aqui apresentado aborda, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, na forma de conteúdos do currículo escolar.

Aqui, a ideia é trabalhar esses conteúdos de forma integrada para que o aprendizado se torne significativo, deixando explícito aos estudantes que os conteúdos estão interligados, mesmo que sejam ensinados de forma fragmentada em algumas situações. Com base na BNCC, para tratar de interdisciplinaridade, faz-se necessário:

Decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem (Brasil, 2018, p. 12).

Uma das maneiras de fazer com que o aprendizado ocorra de maneira mais efetiva é operar de maneira interdisciplinar, evitando o ensino fragmentado das disciplinas escolares. É

preciso criar meios e pensar em propostas que favoreçam a integração de saberes, conforme recomenda Fazenda (2008). Para tal, o professor no contexto dos anos iniciais poderá lançar mão de outros recursos que favoreçam sua proposta de ensino, e não se limitar a utilizar apenas materiais prontos que, de uma maneira ou de outra, podem divergir de sua ideia de integrar conhecimentos na sala de aula.

Assim, consideramos importante que o professor produza alguns materiais didáticos de apoio para trabalhar temas que não são plenamente contemplados nos livros didáticos disponíveis na escola e que a partir dele contribua para o avanço escolar de seus alunos e, também, para o seu desenvolvimento sociocultural e crítico perante as diferentes áreas do conhecimento. Pois, como atividade física, o esporte desenvolve coordenação motora, coordenação óculo-manual, sendo considerada uma atividade estática, requer força e resistência da parte superior do corpo, particularmente nos braços, cintura e ombro (Marinho; Marins, 2012).

A habilidade do arqueiro é definida pela capacidade de atirar a flecha no alvo em um determinado intervalo de tempo com máxima precisão” (Reis; Seelaender, 2010, p. 431). Portanto, essa prática mesmo que recreativa desenvolve a precisão e a concentração, habilidades imensamente necessárias para o processo de memorização, associação, utilizados no ato do letramento e também das habilidades exatas.

CAPÍTULO 3: PERCURSO INVESTIGATIVO

O presente capítulo visa apresentar o percurso metodológico adotado para a elaboração, implementação e avaliação da pesquisa, para melhor compreender a temática abordada e orientar os leitores por meio da elaboração de um produto educacional resultante do processo investigativo.

3.1 Tipo de pesquisa e método de investigação

Inicialmente, fez-se uso de pesquisa bibliográfica. Gil (2022) diz que neste tipo de pesquisa há o proceder do pesquisador junto a materiais que anteriormente já foram publicados e que se mostram pertinentes para fundamentação de uma construção textual. Isto engloba a consulta junto a bases de dados, o que segundo Silva (2019) são os sites e

repositórios que contém em seus acervos estudos que podem responder de forma adequada as questões norteadoras de pesquisa. Para essa dissertação, houve consulta feita ao *Google Acadêmico* e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD.

Além disso, a pesquisa é do tipo exploratória, o que conforme Vergara (2016) pressupõe o trabalho do investigador no sentido de gerar mais conhecimentos sobre os temas por ele estudados, o que resulta em pesquisas mais aprofundadas. Quanto a sua natureza, optou-se pela perspectiva mista, a qual conforme Creswell e Creswell (2021) combina as dimensões qualitativa e quantitativa de pesquisa.

Estudos qualitativos são aqueles que se destacam pelo seu enfoque nas falas dos respondentes, considerando neste sentido sua subjetividade (Minayo, 2012). Essa vertente da pesquisa se mostrou presente na captação de relatos dos alunos com relação aos seus pontos de vista sobre a sua participação nas atividades com arco e flecha. Por sua vez, Marconi e Lakatos (2021) relatam que estudos quantitativos são aqueles cujos resultados são apresentados de forma numérica. No caso específico deste estudo, a dimensão quantitativa é correspondente as respostas dos alunos ao questionário a eles dirigido após a realização dos trabalhos com arco e flecha.

Este estudo tem como característica uma pesquisa de intervenção, no estilo de um experimento de ensino. Em suma, o experimento de ensino incorpora três elementos relevantes no processo educativo, conforme, Oliveira, Santos e Florêncio (2019) citam:

- 1) **Modelagem:** adaptar as atividades ou perguntas ao nível de desenvolvimento dos indivíduos. Nesse tópico, visa a construção do planejamento como o processo de modelagem.
- 2) **Episódios de ensino** (na presença do professor, e com as técnicas de ensino). Aqui, visa a aula propriamente dita sendo realizada. Os episódios de ensino focam o raciocínio dos alunos. Professores-pesquisadores-alunos são participantes ativos no processo.
- 3) **Entrevistas** (individuais ou em grupo). Aqui, visa a avaliação, inclusive, sendo feita individualmente e em grupo. Como parte do processo educativo, permite uma análise mais aprofundada das dinâmicas de ensino e aprendizagem.

Essa metodologia tem como vantagem colocar a pesquisa como semelhante à própria aula. O pesquisador não é um observador invisível e se coloca como participante na escolha dos melhores métodos de ensino conforme a necessidade dos alunos. O experimento de ensino fornece mais informações sobre os melhores percursos da aprendizagem para os professores e possibilita percepções dos estudantes em relação às descobertas científicas. A lógica de aplicabilidade das atividades desta intervenção considerou a abordagem crítico-

emancipatória de Kunz (2004; 2013; 2016), no sentido da Educação Física como indutora de uma formação para a autonomia e cidadania dos alunos (Siqueira, 2024; Tinôco; Araújo, 2020). Sobre esta abordagem, Kunz (1994, p. 31) relata que ela necessita:

[...] estar acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional. E uma racionalidade com sentido do esclarecimento implica sempre uma racionalidade comunicativa. Devemos pressupor que a educação é sempre um processo onde se desenvolvem “ações comunicativas”. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino de ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica.

Conforme as vivências do pesquisador autor do estudo, a realidade tecnicista nas aulas de Educação Física ainda se mostram muito vivas no contexto de ensino em Lábrea, município do estado do Amazonas, o que serviu como motivação para o desenvolvimento da intervenção com atividades abrangendo o uso de arco e flecha.

3.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino, no município de Lábrea, Amazonas, instituição pertencente à SOME (Sociedade Meridional de Educação – Irmãos Maristas), que tem sua sede em Porto Alegre - RS. Contrato efetuado entre a Secretaria de Estado da Educação e Desporto e a SOME, firmado a partir de 2016, para dar continuidade às atividades educacionais. O imóvel atualmente está sob a responsabilidade da Coordenação Regional de Educação em parceria com da Província Marista Brasil Sul Amazônia – RS.

Nessa escola é ofertado o atendimento ao Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) em dois períodos que, juntos, possuem 908 alunos matriculados. A escola onde acontecerá a pesquisa de intervenção está situada na região central da cidade de Lábrea/Amazonas, no final da BR transamazônica e localizada as margens do rio Purus. A Figura 2 exibe a localização do município amazonense de Lábrea e a Figura 3 demonstra a escola na qual ocorreu a pesquisa.

Figura 2: Localização Lábrea - Amazonas



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 3: Escola Estadual Santo Agostinho



Fonte: Acervo do autor (2025).

A Escola Estadual Santo Agostinho localiza-se bem no centro da cidade, onde há residências e comércios, as ruas são pavimentadas. Sua comunidade é composta de vários níveis sociais: famílias bem carentes, que sobrevivem da agricultura, lojistas e funcionários públicos.

Este estabelecimento de ensino atende, neste ano da pesquisa, 908 alunos, nos turnos matutino e vespertino, distribuídos em 34 turmas do 1º ao 5º Ano (I e II Ciclo). Possui um quadro com 65 docentes e 16 demais servidores. Sua estrutura física contém 01 (um) prédio principal com 11 salas de aula, secretaria, diretoria, sala dos professores, auditório 01, biblioteca, laboratório de informática, sala de recursos pedagógicos, sala de mídias, banheiros masculino, feminino, cozinha, refeitório, 03 depósitos, passarela coberta e pátio descoberto. No Prédio anexo contém 08 (oito) salas de aula, sendo duas para reforço escolar, 01 auditório, banheiros masculino, feminino e adaptados.

Para as aulas de Educação Física, a escola conta com um Ginásio Poliesportivo: 04 salas, sendo 01 (uma) de Educação Física e 03 (três) depósitos, banheiros e uma área externa descoberta que serve de estacionamento, totalizando 5.462 m² de área construída. Entretanto possui uma quantidade limitada de materiais esportivos.

Atualmente, a escola possui 3 professores de Educação Física, ambos trabalham nos turnos matutino e vespertino. O planejamento das aulas é realizado bimestralmente onde é escolhido os conteúdos que serão trabalhados, e verificado o que pode ser ajustado de acordo com a necessidade de cada turma. Prepara-se também diariamente no HTP (Hora de Trabalho Pedagógico) as aulas, corrigindo as atividades e organizando os materiais que serão utilizados durante as atividades na quadra.

Figura 4: Quadra Poliesportiva



Fonte: Acervo do autor (2025).

A escolha pela unidade escolar como local da pesquisa deveu-se ao fato do professor-pesquisador ser mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), e priorizar que a intervenção na prática pedagógica ocorra nesta unidade, pois é a sede do professor-pesquisador, que integra o quadro efetivo como Professor de Educação Física desde 2017, no qual, vivencia e conhece as problemáticas e possibilidades dos educandos no contexto escolar, procurando assim, contribuir para a formação dos seus/suas aluno(a)s.

3.3 Participantes

O grupo de participantes desta pesquisa foi formado pelos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no turno vespertino, sendo 17 alunos e 13 alunas, totalizando 30 alunos com idade entre 10 e 11 anos. Esta turma possui, semanalmente, duas aulas de Educação Física, com duração de 60 minutos cada. Os critérios para participar da pesquisa foram: a) Estar regularmente matriculados na E.E. Santo Agostinho; b) Ser aluno do 5º ano do ensino fundamental conforme o SIGEAM; c) Estar participando regularmente das aulas de Educação Física. Para exclusão, foi utilizado o seguinte critério: a) Alunos que durante o período da pesquisa tiver frequência menor de 75% das aulas; b) Alunos que durante a pesquisa forem transferidos de escola; c) Alunos que solicitarem serem retirados da pesquisa.

3.4. Procedimento para a coleta de dados

Todos os procedimentos foram realizados após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFAM com o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa-CEP, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Este momento da pesquisa foi organizado através das seguintes etapas:

No primeiro momento, foi apresentada para o gestor da escola a proposta da pesquisa. Em seguida, foi feita a escolha da turma do 5º ano do ensino fundamental no turno vespertino. Logo após, foram realizadas conversas com os alunos da escola sobre a pesquisa e o convite para participar de forma voluntária do estudo. Previamente ao início da pesquisa de campo, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C) foram entregues aos pais e/ou responsáveis, por meio dos alunos, com prazo de devolução estipulado, anterior ao início da pesquisa. Uma cópia do documento foi disponibilizada aos mesmos. Os alunos que foram autorizados pelos pais e/ou responsáveis a participarem da pesquisa, foram convidados pelo professor-pesquisador a participarem com a explicação sobre a pesquisa e a leitura do

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Apêndice D), este foi assinado pelos/as alunos/as que tiveram interesse em participar e também ficaram com uma cópia do documento.

O segundo momento, após a definição da prática corporal a ser ministrada durante o percurso, foram elaborados e aplicados 10 (dez) planos de aula (Apêndice B), sendo um plano para cada aula de 60 minutos. Os planos contêm os objetivos para o ensino dos jogos populares do Brasil, incluindo aqueles de matriz indígena, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural. Foi importante refletir sobre o que seria ensinado aos alunos, de forma com que eles viessem a ter possibilidade de conhecer uma nova prática corporal.

Posteriormente, no terceiro e último momento, que serviu de base para conhecer a opinião dos alunos sobre a implementação de novas práticas corporais na EFE, aplicamos o questionário estruturado com perguntas de respostas fechadas, que foram respondidas de maneira rápida e padronizada onde o respondente escolheu entre opções de alternativas predeterminadas e não precisou escrever nada por extenso.

Segundo Moreira e Caleffe (2008), existem três vantagens em se usar o questionário: o uso eficiente do tempo; para o respondente; possibilidade de uma alta taxa de retorno; perguntas padronizadas. Este instrumento foi escolhido para a coleta de dados porque é uma excelente ferramenta de pesquisa e que pode fornecer informações suficientes para o bom andamento do trabalho.

Apesar de o questionário conseguir coletar informações de forma direta, deve-se tomar cuidado com o seu uso e elaboração para, de uma forma indireta, não forçar o aluno a responder aquilo que se queira que ele responda, o que compromete a veracidade das informações obtidas. Sendo assim, foi observado cuidadosamente o tipo de questão ou itens que foram colocados no questionário. Essas questões procuraram responder os objetivos da pesquisa, e, além disso, foi definida a quantidade de questões de acordo com o nível de escolaridade do entrevistado, para isso, adaptamos de forma objetiva para os alunos com faixa etária de 10 a 11 anos, com questões do tipo objetivas e fechadas, no questionário adotado (Apêndice A).

3.5. Instrumentos e técnicas para a construção de dados.

Para a coleta de dados para a pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos: (1) Plano de ensino; (2) Diário de campo; (3) Produção dos alunos; (4) Rodas de Conversas e (5) Questionário.



1 - O foco principal da pesquisa está na aula. Iniciamos através da elaboração de um plano de ensino. Ou seja, ele foi o primeiro elemento empírico da pesquisa, pois, apresentou o processo de planejamento e organização das aulas. Nele estão contidos objetivos e metodologias de ensino. Portanto, ao final de sua aplicação será possível analisar o quanto os alunos aprenderam e alcançaram os objetivos propostos.

2 - Diário de campo. Para alinharmos as técnicas mencionadas aos propósitos da construção de dados na pesquisa fizemos a gravação de todo o percurso e registramos no diário de campo. Ele foi registrado em um caderno, e digitado num computador, servindo como um instrumento de documentação e reflexão das práticas educacionais. Neste instrumento foi anotado todo o processo de ensino-aprendizagem e forneceu dados empíricos sobre o processo de aplicação do plano. Ali foram anotados os indícios de aprendizagem, as dificuldades e as resoluções de problemas por parte do professor e dos alunos.

3 - Produções dos alunos. Os alunos produziram diversas respostas durante seu processo de ensino-aprendizagem (textos, imagens, cartazes, objetos etc.), participaram efetivamente na busca de materiais alternativos (cordas, canos de pvc, madeiras, papelão, tinta, etc) e na confecção do instrumento para a aula prática (arco e flecha, alvos). Essas produções foram registradas em texto, áudio, foto e vídeo.

4 - Rodas de conversa. Foram momentos ímpares para dialogar com os alunos sobre o processo.

5 - Posteriormente, foi aplicado o questionário. Este tradicional instrumento de coleta de dados foi crucial para que a análise dos resultados da pesquisa se torne a mais fiel possível à realidade. O questionário foi escolhido como um dos instrumentos de coleta de dados porque é uma excelente ferramenta de pesquisa e que pode fornecer informações suficientes para o bom andamento do trabalho.

3.6. Instrumento e técnicas para análise de dados

No que se refere aos dados qualitativos do estudo, os quais foram representados pelos relatos dos estudantes, optou-se por trabalhar com análise qualitativa descritiva de dados (Minayo, 2015). Conforme Augusto *et al.* (2013), estudos do tipo qualitativos são aqueles que abordam sobre determinados fenômenos em seus respectivos estados naturais, com a intenção de perceber quais significados os respondentes do estudo lhe conferem. Minayo (2012) complementa este pensar, mencionando que em pesquisas qualitativas há de se considerar o

panorama social no qual os fenômenos estudados ocorrem, o que é também um ponto de atenção para fins analíticos de pesquisas que apresentam esta natureza.

Os dados quantitativos são concernentes as respostas do questionário apresentado aos alunos. Para esta parte dos resultados da pesquisa, também se fez uso de análise descritiva de dados, o que conforme Cepluki Junior, Gonçalves e Mendes (2024) consiste na sumarização e detalhamento sobre os aspectos principais iminentes a um agrupamento de dados específico.

3.7. Aspectos éticos

Seguindo as normas éticas exigidas nas pesquisas que envolvem seres humanos, os responsáveis pelos alunos participantes do estudo, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice D), assim como, os alunos participantes assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice C). Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pois o pesquisador cumpriu as determinações da Res. 466/2012.

4. APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA, DIALOGANDO JUNTO AOS ALUNOS E ANÁLISES DOS RESULTADOS COLETADOS.

Aqui, abordamos a forma de aplicação de nossa pesquisa,, com a proposta de dialogar junto com os alunos, proporcionando momentos nos quais eles compartilharam seus conhecimentos e construíram outros sobre a prática do Arco e Flecha e como foram realizadas as análises do diário de campo e dos questionários respondidos pelos alunos.

Primeiramente os dados bibliográficos coletados foram sintetizados procurando sempre dialogar com a realidade vivenciada pelo professor, depois de registrados foram utilizados na elaboração da Unidade Didática. Após aplicação da UD, dos registros em diário de campo e avaliação, os dados seguiram para um processo de análise.

Assim, a próxima fase deste trabalho focou na análise dos dados coletados na implementação da UD, bem como na verificação se neste trabalho o ensino do Arco e Flecha nos anos iniciais do Ensino Fundamental extrapolou os limites do “saber fazer”, ou seja, além do ensino dos movimentos foi possível estabelecer um diálogo com a realidade dos educandos e ainda transitar pelas dimensões do conhecimento propostas pela BNCC (Brasil, 2018).

A análise que aqui se inicia foi um movimento dialético que considerou os dados coletados, a literatura pesquisada, as características do público-alvo e a experiência deste professor-pesquisador que, desde as primeiras linhas desta pesquisa, se reconheceu como agente na construção desta investigação. Desta organização compositiva é que se encaminhou o exercício da análise explicitada nesta seção de análise dos dados.

4.1. Apresentação da análise do diário de campo

A sequência didática teve oito aulas sobre o ensino dos Jogos de Mira, que foi desenvolvida em torno de 10 aulas com os discentes dos 5º anos, cabe ressaltar que cada aula nas escolas da Rede Estadual de Ensino nos anos iniciais tem a duração de 60 minutos.

As aulas foram pensadas com proposta de levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o jogo, conceituação da sua origem e suas transformações, utilizando análises de vídeo e imagens, bem como a experimentação dos jogos, focando em uma proposta na qual os alunos são os protagonistas na construção do conhecimento.

Depois da finalização da aplicação de cada aula, os alunos faziam uma roda de conversa, permitindo a reflexão sobre o que foi vivenciado em suas experiências, se gostaram do jogo, se conseguiriam jogar e ensinar outras pessoas, com a proposta de levantar dados sobre a possibilidade de os alunos vivenciá-los em seu cotidiano disseminando prática cultural para outras pessoas.

4.1.1 As oficinas

Conforme Castro (2024), oficinas pedagógicas são caracterizadas por representarem ações em que as pessoas para as quais essa prática se destina, tendo em vista promover o elo entre teoria e prática, focalizando numa determinada área do conhecimento. A primeira parte das oficinas foi dividida em três atividades pedagógicas desenvolvendo aspectos “conceituais” em relação a temática. A primeira, denominada “Conhecendo o tema”, teve como objetivo examinar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o arco e flecha e demais artefatos utilizados pelos povos locais para caçar através da exposição do conteúdo de forma lúdica.

A segunda atividade foi denominada “Contextualizando os Jogos de Mira” e objetivou integrar os diferentes conteúdos escolares a partir do tema arco e flecha. Para isso, os alunos assistiram a exibição de dois vídeos, o primeiro vídeo abordou o uso de artefatos de mirar na

cultura local e o segundo enfatizou através de um desenho o uso arco e flecha como pratica esportiva.

A terceira atividade abordou “Conhecendo o equipamento e as noções básicas”, utilizando este momento para os alunos visualizarem diferentes tipos de arcos, diferenciar a os tamanhos e formatos e entender as suas funcionalidades.

A partir da quarta oficina, além de trabalhar os aspectos conceituas e atitudinais através do conhecimento e respeito aos protocolos de segurança para a realização da prática. Posteriormente houve uma abordagem mais procedimental, onde os alunos participam ativamente na confecção dos alvos e do arco e flecha com materiais alternativos e da natureza, para que pudessem realizar as técnicas básicas de tiro com arco e posteriormente colocar em prática o que tinham aprendido através do festival de mira.

4.1.2 A 1ª oficina – apresentação da prática corporal

Iniciamos apresentando aos alunos o projeto que eles estavam participando e a metodologia a ser desenvolvida nas aulas, de forma a criar expectativas dos mesmos sobre os conteúdos a serem desenvolvidos. Através duma apresentação de slides foi contextualizada a cultura e história dos povos locais, assim como os instrumentos de mira que utilizavam para sobreviver. Utilizamos imagens da realidade local e uma explicação sobre o cotidiano dos povos indígenas e ribeirinhos que utilizam o arco e flecha para caçar e pescar até a sua evolução como esporte.

Figura 5: Apresentação da prática corporal



Fonte: Acervo do autor (2025).

Durante esta primeira atividade da oficina, foi feita uma exposição de artesanatos dos povos locais e instrumentos que geraram muita curiosidade nos alunos, posteriormente questionamos oralmente os mesmos se conheciam ou se já tinham ouvido falar sobre alguns instrumentos de mira como: o arco e flecha, zarabatana e baladeira. Houve muita curiosidade em manusear uma baladeira gigante que foi exposta durante a apresentação, promovendo um diálogo e uma nova proposta de jogo pelos próprios discentes, usando uma baladeira para arremessar uma bola dentro de um cesto denominado na região de paneiro feito com tiras de cipó.

Nesse sentido a BNCC (Brasil, 2018) afirma que, devemos valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2016). Pautados pelo o que afirma os documentos norteadores, consideramos ser de fundamental importância valorizar e contextualizar saberes e tradições dos povos locais, para oportunizar, a partir de sua cultura, um ensino mais significativo.

Figura 6: Apresentação de instrumentos de mira dos povos locais



Fonte: Acervo do autor (2025).

Em relação ao Arco e flecha os alunos mostraram entusiasmo, demonstrando curiosidade, já que poucos conheciam a prática fora da televisão. Finalizamos com uma roda de conversa com alguns questionamentos sobre os materiais que seriam utilizados nas aulas seguintes e combinados de comportamento, deixando bem explanado a importância de reforçar regras de segurança desde o início.

Figura 7: Diálogo sobre tema do Arco e Flecha



Fonte: Acervo do autor (2025).

Houve perguntas pertinentes, especialmente sobre o cotidiano e a segurança em manusear o arco e flecha. Alguns alunos levantaram as mãos e relataram, às suas maneiras, as características e o contexto histórico do instrumento, como destaque em alguns relatos:

Aluno 1: além de usar o arco e flecha para caçar seu avô tinha uma técnica vocal para chamar alguns animais!

Aluno 2: ouvi falar que algumas pessoas usavam uma espécie de veneno na ponta da flecha para matar os animais!

Aluno 3: meu pai utilizava a baladeira para matar ratos causando euforia e gargalhadas na sala.

A partir da fala dos alunos, observamos que a maioria possui conhecimentos a respeito da temática trabalhada na oficina. Tais conhecimentos são oriundos das experiências individuais de cada criança, seja em contato com a família ou com outras instituições sociais. Levar em consideração as informações que elas trazem é consolidar conhecimentos e desconstruir equívocos conceituais, possivelmente aprendidos ao longo do caminho (Madrugá; Gallon; Silva, 2017).

Através do diálogo, percebemos um interesse despertado pela cultura local e esportes alternativos, através da curiosidade geral, com a troca de experiências e escuta bastante enriquecedora sobre a utilização dos artefatos através de familiares dos alunos.

4.1.3 A 2ª Oficina – Contextualizando os jogos de mira

No segundo encontro exibimos no auditório da escola vídeos previamente selecionados: “As crianças brincando de mirar com a baladeira” e “Valente: arco e flecha”. Os vídeos tiveram o objetivo de estabelecer um diálogo sobre a dimensão histórica e cultural acerca desses artefatos para as culturas locais.

Figura 8: Apresentação de vídeos



Fonte: Acervo do autor (2025).

Após a exibição, iniciamos um debate mais espontâneo solicitando aqueles que se sentissem a vontade em falar que pudessem expressar suas opiniões, com o propósito de que os alunos relatem seus conhecimentos sobre os artefatos e suas impressões sobre os referidos vídeos.

Ao questioná-los se os objetivos do uso do instrumento arco e flecha eram os mesmos nos dois vídeos, prontamente a turma respondeu que não, de acordo com os relatos a seguir:

Aluno 4: Eu já tinha usado a baladeira para caçar passarinhos!

Aluno 5: Já tinha visto o filme “Valente” mais que não tinha reparado no objetivo de libertação das mulheres através da prática do arco e flecha.

Aluno 6: O vídeo mostrava um arco e flecha que serve para caçar e o outro usado para competir.

Nesse contexto foi visto que tinham assimilado a diferença do uso do arco e flecha em diferentes dimensões. Que serviam de meio de sobrevivência durante o cotidiano dos povos ribeirinhos e que alcançou uma dimensão esportiva com o ensino da prática corporal.

Ao final do vídeo, retornamos para sala de aula e foi solicitada uma “Produção textual” que buscou promover a prática da leitura e da escrita a partir do gênero textual história em quadrinhos. No decorrer dessa atividade, as crianças foram convidadas a ilustrar através de desenhos ou criar sua própria história sobre o instrumento arco e flecha e socializá-la oralmente com a turma. As Figuras 9 e 10 exibem os alunos fazendo suas ilustrações sobre arco e flecha.

Figura 9: Ilustrações sobre Arco e Flecha – parte 1



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 10: Ilustrações sobre Arco e Flecha – parte 2



Fonte: Acervo do autor (2025).

Optamos por essa forma de avaliação para que nenhum aluno se sentisse prejudicado através do seu desenvolvimento cognitivo, para tanto explicamos para aqueles que não conseguissem redigir um pequeno texto, mostrassem através de desenhos ilustrativos o que tinha assimilado o conteúdo. A Figura 11 destaca os trabalhos realizados a partir desta atividade.

Figura 11: Trabalhos realizados



Fonte: Acervo do autor (2025).

Através das ilustrações identificamos que alguns alunos entenderam a prática como um instrumento de autodefesa ou meio de sobrevivência, e outros como um jogo. É importante frisar que esses significados não representam uma tentativa de distanciar os diferentes usos do arco e flecha, mas sim garantir a existência de cada um deles no momento do estudo, conforme Mesquita (2019).

4.1.4 A 3ª oficina – Conhecendo o equipamento e noções básicas

Neste terceiro momento da atividade pedagógica, foram apresentados slides para que as crianças pudessem visualizar melhor o artefato arco e flecha, com ênfase na sua funcionalidade, fabricação, formatos, tipos de matérias-primas utilizados na confecção, bem como nas diferentes épocas de sua utilização. Assim, foram orientados a observar as semelhanças e as diferenças entre os instrumentos visualizados. Na Figura 12 são destacados diferentes tipos de Arco e Flecha e na Figura 13 é feita a apresentação deles, como se pode ver a seguir.

Figura 12: Diferentes tipos de Arco e Flecha



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 13: Apresentação dos tipos de Arco e Flecha



Fonte: Acervo do autor (2025).

O foco principal da aula foi apresentar aos alunos a diferença entre os arcos profissionais e artesanais, enfatizando suas principais características. Foi explanado através de figuras que os arcos profissionais geralmente são feitos com materiais modernos como fibra de carbono e metal para garantir desempenho e durabilidade, enquanto os arcos artesanais podem ser feitos com madeira, bambu e outros materiais adaptados.

Sobre a utilização dos artefatos, os arcos profissionais são utilizados em competições esportivas, caça (onde permitido) e tiro de longa distância, já o artesanal tem sua aplicação voltada para a recreação, prática de tiro com arco e, em algumas culturas, para fins de subsistência.

Após a apresentação, distribuímos alguns equipamentos de forma controlada, com demonstração das partes do arco e flecha. Os alunos tiveram a primeira experiência de segurar e simular o gesto de disparo, conforme se pode ver na Figura 14.

Figura 14: Primeiro contato com o artefato



Fonte: Acervo do autor (2025).

Após a dinâmica, aprofundou-se o diálogo sobre o arco e flecha e suas características. Questionamos à turma sobre a diferença entre os arcos e as flechas apresentados nos slides e se foram feitos dos mesmos materiais.

O desafio maior foi fazer com que todos mantivessem a atenção aos detalhes técnicos e regras, pois a empolgação exigiu reforço constante dos combinados. Entretanto, os alunos notaram a diferença sobre os arcos e as flechas que apareceram, repetiram com ênfase que, umas servem para caçar e outras para competir, observaram também a diferença de tamanho e material em que os artefatos apresentados foram confeccionados e que alguns que pareciam ser feitos da natureza e outros foram feitos pelas máquinas.

4.1.5 A 4ª oficina – Respeitando os protocolos de segurança

A responsabilidade e cuidado pelo material durante a aula foram enfatizados neste quarto momento, afim de que os alunos respeitem os protocolos de segurança para a realização da prática. O professor iniciou a aula perguntando aos alunos se eles possuíam alguma familiarização sobre o ato de atirar a flecha e quais cuidados devemos tomar?

“A gente não pode apontar pro colega, né professor.”

“A ponta é muito afiada, pode furar”

De acordo com as falas, os alunos demonstraram medo e ao mesmo tempo preocupação em não machucar o colega. É importante levar em conta os conhecimentos e experiências prévias do aluno. Barbosa (2013) sugere que os conteúdos sejam trabalhados sem nunca deixar de interagir com a realidade do aluno. A aprendizagem é um processo contínuo e dinâmico, no qual o indivíduo adquire e modifica seus conhecimentos, habilidades, atitudes e valores através de interações com o meio ambiente, experiências e interações sociais.

Após o momento de interação, o professor apresentou o movimento, introduzindo os conceitos básicos, explicando a lógica do tiro e o cuidado no manuseio.

Figura 15: Manuseio do arco



Fonte: Acervo do autor (2025).

Em seguida, foram mostradas através de um quadro no projetor, quatro regras fundamentais de segurança que devem ser seguidas para realização da prática, conforme o protocolo em destaque no Quadro 1.

Quadro 1: Protocolo de segurança – manuseio e tiros com arco e flecha

PROTOCOLO DE SEGURANÇA
Os(as) alunos(as) só poderão atirar quando estiverem na linha de tiro. Quando estiver usando a flecha, só deverá apontar na direção dos alvos, jamais para os colegas ou para o professor

Os(as) alunos(as) só poderão atirar quando o campo estiver livre, sem ninguém à frente ou atrás dos alvos
Enquanto os(as) alunos(as) atiram, o restante deve permanecer atrás da linha de tiro
Os(as) alunos(as) poderão atirar somente para o alvo que está a sua frente e não para os alvos que estão localizados a sua esquerda ou direita

Fonte: adaptado de Souza (2019)

Após esta etapa, os alunos foram levados à quadra onde tiveram arcos e flechas, alvos e uma linha demarcatória para experimentarem o tiro. O professor explicou aos estudantes como iriam funcionar as atividades, para as quais havia uma sequência de regras a serem cumpridas para tornar o ambiente de tiro seguro e evitar acidentes durante as aulas.

A turma foi separada em várias colunas, posicionando-os atrás da linha de tiro. O primeiro de cada coluna teve um arco e três flechas para atirar. Os alvos ficaram a três metros de distância, o tamanho do alvo de meio metro de largura, sem especificação de pontuação, de modo a facilitar a prática, pois o objetivo foi, inicialmente, proporcionar um primeiro contato dos alunos com a prática corporal. A Figura 16 exemplifica o primeiro tiro dos alunos com arco e flecha.

Figura 16: Primeiro tiro



Fonte: Acervo do autor (2025).

Nesse instante, o professor pediu para que os alunos atirassem. Porém, não foi dito para eles a técnica específica de tiro, de modo que esses explorassem o arco e experimentassem diversas maneiras de atirar uma flecha. Ao sinal do professor, o primeiro de cada coluna se posicionou na linha de tiro e atirou as flechas, após isso, buscou suas flechas e retornou ao final da fila para que o próximo pudesse atirar, e assim sucessivamente até que todos tivessem atirado.

Ao final da atividade, o professor reuniu a turma em uma roda de conversa para que os alunos pudessem falar sobre a experiência que eles tiveram nesse momento da aula em relação às regras propostas. Na roda aprende-se aquilo que parece que já sabemos na forma individual, e também coletivamente.

Segundo Moura e Lima (2014), a roda cria “[...] dados advindos da memória coletiva, mas também das memórias individuais”. Roda de conversa é um exercício de calar para interpretar o que ouvimos e fazer conexões com aquilo que pensamos e, também, se o que pensamos realmente diz tudo ou pelo menos um pouco sobre o que estamos falando.

Figura 17: Roda de conversa ao final da aula



Fonte: Acervo do autor (2025).

Como já dito anteriormente, nesta roda de conversa procurou-se levantar alguns questionamentos abordando todas as dimensões do conhecimento.

“Se a gente respeitar a vez do colega, fica legal a aula.”

“Temos que esperar nossa vez de atirar”

Com as respostas dos alunos percebeu o cuidado com a integridade física entre os alunos, onde todos respeitaram o momento de cada colega participar, fazendo com que a aula fluísse de maneira organizada e harmônica, proporcionando um melhor aprendizado.

4.1.6 A 5ª oficina – Construindo alvos e tabela de pontuação

A quinta oficina teve o objetivo de interpretação de alvos, trabalhando tamanhos, medidas, distâncias e pontuação, associando as cores com os valores numéricos. Apresentamos aos alunos, no início das atividades, um alvo oficial de competição de tiro com arco, por meio de exposição no projetor de imagens e a exposição de um alvo impresso numa cartolina. O Quadro 2 exibe a representação de alvo.

Quadro 2: Representação de alvo



Fonte: site WORLD ARCHERY (Figura elaborada pelo autor)

Foi explanado sobre os alvos de tiro com arco outdoor (70m de distância) têm 122 cm e são divididos em cinco zonas concêntricas coloridas, começando do centro para fora: amarelo, vermelho, azul claro, preto e branco. Assim, fica: 10 e 9 (amarelo), 8 e 7 (vermelho), 6 e 5 (azul claro), 4 e 3 (preto) e 2 e 1 (branco). Conta-se zero quando o atirador não acerta a flecha no alvo. Reforçando de forma mais didática e de fácil compreensão a identificação e estrutura de um alvo; medidas e tamanhos oficiais e como ocorre o registro de pontuações em treinos e competições.

“Professor, a distância é muito longe pra acertar”

“Quem acertar no meio ganha mais pontos”

“Professor! Eu posso fazer um alvo quadrado”

Diante das falas dos alunos, tornou-se necessário fazer com que eles superassem o medo de vivenciar uma prática que visava a performance profissional, levando-os a entender que iriam começar pela fase de experimentação. E que a aula não era para competir e sim para experimentar e conhecer essa nova prática. Tendo o cuidado em não colocar vencer e eliminar adversário como ponto central e único.

Esta forma de dialogar criou entre os alunos estímulos para experimentar algo novo, sem medo de se expor e sem a ideia de perder ou ganhar, fator que atrapalha e dificulta a aprendizagem de alguma coisa desconhecida. Após o trabalho de incentivo, os alunos foram levados até a quadra e separados em quatro grupos, onde cada grupo recebeu papelão, tintas, pincéis, réguas e cordas para construírem seus alvos. Os alvos foram elaborados com diferentes tamanhos e formato geométrico, entretanto tinham que ter de possuir zonas concêntricas de igual largura, cores e valores numéricos. As Figuras abaixo demonstram os alunos trabalhando no desenho dos alvos.

Figura 18: Alvo triangular, com 2 zonas concêntricas, 2 cores, 2 valores numéricos



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 19: Alvo circular, 3 zonas concêntricas, 3 cores, 3 valores numéricos



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 20: Alvo quadrangular, 4 zonas concêntricas, 4 cores, 4 valores numéricos



Fonte: Acervo do autor (2025).

Nas fotos observa-se o desenvolvimento no processo de criação de alvos, onde os alunos se ajudavam, orientando uns aos outros, entretanto no decorrer das atividades houve

questionamentos acerca das medidas das formas geométricas que serviriam de base para criação do material.

“Professor, os lados do triângulo tem que ter o mesmo tamanho?”

“Cada linha tem que ser de uma cor diferente?”

“Não estamos conseguindo desenhar os círculos”

De acordo com as falas, os alunos que produziram os alvos triangular e quadrangular conseguiram construir sem grande dificuldade pelo fato de usarem a régua e pedaços de madeiras para desenhar cada linha reta. Entretanto, os alunos do grupo que confeccionou o alvo circular demonstraram um grau de dificuldade pelo fato de apresentar uma baixa coordenação em desenhar o círculo, neste momento o professor orientou-lhes a fazer um compasso com barbante para desenhar a forma circular.

Durante a produção de alvos foi observada a ajuda mútua entre os discentes principalmente para aqueles que tinham dificuldade, promovendo a inclusão de todos como observado no trabalho realizado através de alunos com deficiência, conforme visto na Figura 21. Nisso, buscou-se trabalhar à luz de Libâneo (2016), cujo estudo diz que as escolas devem ser reconhecidas como espaços de inclusão social.

Figura 21: Aluno com autismo produzindo alvo



Fonte: Acervo do autor (2025).

Após a construção dos alvos pelos alunos, foi trabalhado o registro de pontuação, que funcionou da seguinte maneira: Cada aluno atirou três flechas no alvo. Um aluno foi escolhido para anotar a pontuação, onde teve que olhar o alvo e verificar o valor de cada flecha acertada, registrando na planilha de forma decrescente, e ao final, foi somado o valor total dos acertos de todas as flechas de cada aluno, conforme se vê no Quadro 3.

Quadro 3: Planilha de pontuação

Aluno	Número de Pontos por Flecha			Soma
1				
2				
3				
4				
5				
Pontuação total				

Fonte: Elaborada pelo autor

Durante o início desta atividade, foi informado que o indivíduo poderia recolher as suas flechas e voltar para o local de tiro, mas nem as flechas nem o alvo podem ser tocados até que os valores de cada flecha no alvo tenham sido anotados, em função da segurança de todos e também para que ninguém burle as regras. Ao final foram verificados aqueles que tiveram maior pontuação.

Levando em consideração o diálogo, percebemos que os alunos conseguiram superar as dificuldades na confecção das formas geométricas utilizadas como alvo, demonstrando ainda habilidade na resolução das operações matemáticas. Nesse contexto podemos enfatizar a importância da matemática em diversas práticas corporais.

4.1.7 A 6ª oficina - Apresentação das principais partes do arco e flecha

Esta sexta etapa teve como objetivo conhecer as principais características do arco e flecha. Iniciamos a aula reforçando perguntas aos alunos se eles conhecem os diferentes tipos de arcos, como também quais são as pessoas que o praticam e por que praticam?

“Eu já vi um arco e flecha do meu avô.”

“A gente usa pra caçar animais.”

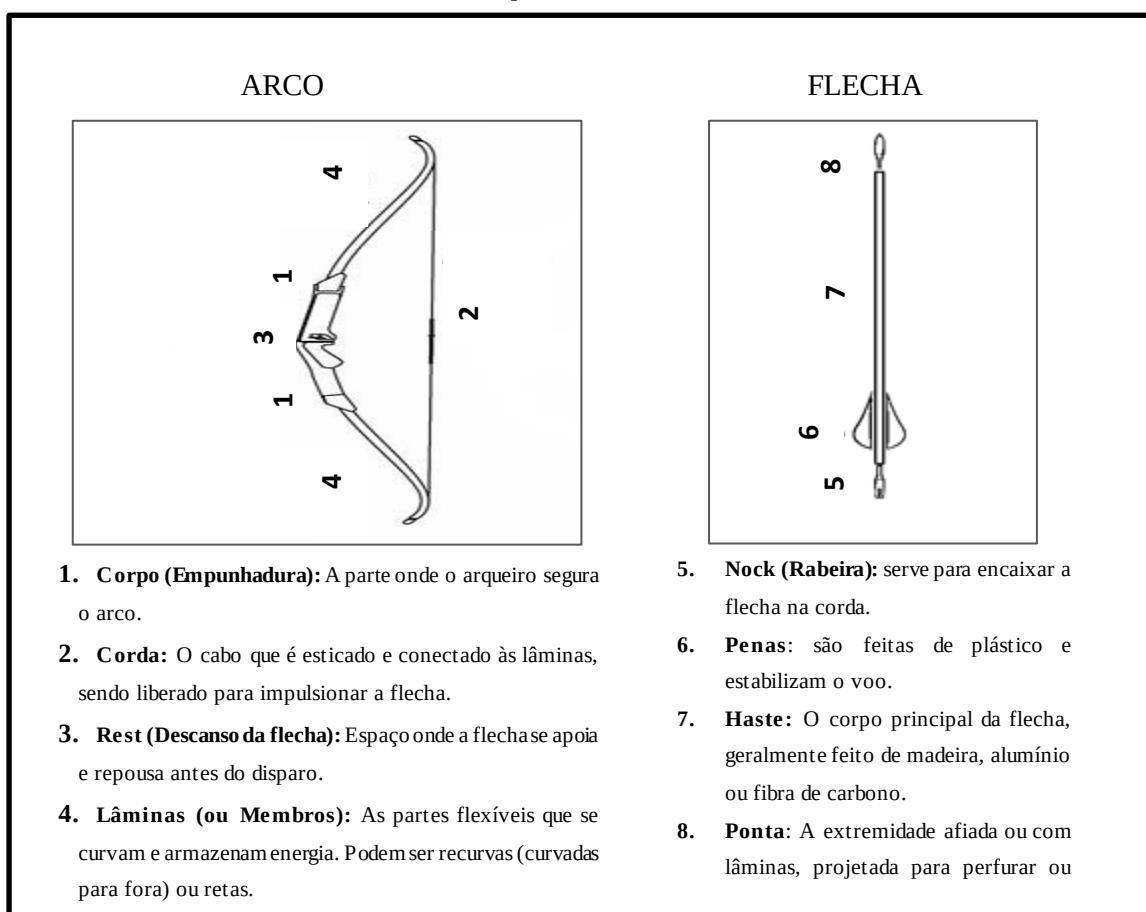
“Podemos fazer um jogo.”

De acordo com as respostas, percebemos um conhecimento prévio sobre o artefato pelos alunos, visto que alguns têm dependência indígena e seus ancestrais usavam como meio de sobrevivência. O arco e flecha, na cultura indígena, representam valores, tradições passadas de geração em geração e um importante elemento em rituais de nascimento, no qual se coloca junto ao recém-nascido do sexo masculino, entre outros símbolos, um “pequeno arco e algumas flechas, para que a criança se torne valente e disposta a guerrear os inimigos” (Melatti, 1993).

Após o diálogo, o professor apresentou os arcos e seus contextos socioculturais, em forma de apresentação expositiva, explicando as características básicas de cada parte e os locais em que era realizado a sua prática.

Posteriormente, foram apresentadas as partes principais do arco e flecha. Onde o arco é a estrutura que armazena a energia para impulsionar a flecha, enquanto a flecha é o objeto que é disparado. O quadro a seguir apresenta ilustrações a respeito das principais partes do Arco e da Flecha.

Quadro 4: As partes do Arco e Flecha



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Houve diversos momentos de curiosidade pelo fato de os alunos ainda não conhecerem por nome cada parte arco e flecha, no decorrer da aula além da ilustração um artefato era passado de aluno por aluno para identificarem no objeto cada região estudada. Ao final o professor solicitou aos alunos que procurassem trazer na próxima aula os materiais para a confecção do arco flecha como, cordas, madeira, tubos, entre outros materiais que viessem a encontrar para produzir seus aparelhos.

4.1.8 A 7ª oficina - Construção de material adaptado

Após a etapa conceitual da aula anterior, os alunos foram direcionados a quadra, na qual a primeira atividade consistiu em confeccionar o arco com materiais da natureza e alternativos que foram solicitados pelo professor na semana anterior para que cada aluno pudesse trazer seu material para a construção do aparelho.

Na busca por materiais, pesquisando na internet sobre vídeos de tutoriais de como construir o arco e flecha, encontramos dois tipos: com madeira ou PVC, sigla usada para se referir ao Policloreto de Vinila. Optamos por ensinar a confecção do arco de madeira por ser um material mais fácil de encontrar na região e de baixo custo.

O professor iniciou reforçando cada parte estudada na aula anterior, mostrando como fazer a envergadura do corpo do arco e como fazer o corte na parte final chamada de lâmina ou membro para amarrar a corda, neste espaço é onde fica armazenada a energia para o lançamento.

Figura 22: Aprendendo como fazer o primeiro nó – parte 1



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 23: Aprendendo como fazer o primeiro nó – parte 2



Fonte: Acervo do autor (2025).

Começamos explicando que na extremidade da madeira teríamos que fazer dois cortes (ganchos) para que a corda ficasse encaixada e não se desprendesse facilmente. Com o pedaço da corda já cortado, fizemos um nó grosso de duas voltas.

Em seguida foi puxada a corda de modo que ele ficasse estendida para então amarrar na outra extremidade, fazendo com que o arco ficasse curvado, conforme a figura abaixo:

Figura 24: Fazendo o segundo nó para curvar o arco



Fonte: Acervo do autor (2025).

Em seguida, foi preciso demarcar no corpo do arco e na corda onde a flecha iria ficar para não correr o risco de posicionar a flecha torta e consequentemente errar o tiro, atirando para cima ou para o chão. Nesta etapa de construção obtivemos grande resultados, no desenvolvimento de habilidades como amarrar, entender a noção espacial através das medidas.

Logos após foi confeccionado a flecha, essa parte do material foi a mais desafiadora, pois exigiu um cuidado em fazer um V na parte traseira que serviria de encaixe para corda e também a confecção da ponta para que pudesse perfurar o alvo, facilitando a marcação de pontos.

Utilizamos um estilete com o cabo de plástico para ter mais segurança no corte, assim, o movimento solicitado foi o de apontar lápis, conforme a ilustração.

Figura 25: Aprendendo a confeccionar a flecha – parte 1



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 26: Aprendendo a confeccionar a flecha – parte 2



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 27: Aprendendo a confeccionar a flecha – parte 3



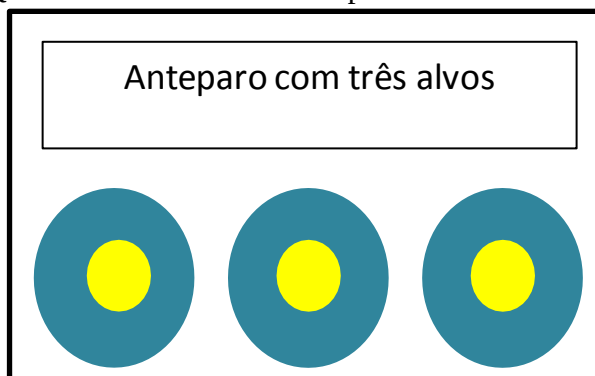
Fonte: Acervo do autor (2025).

Nesta etapa final de confecção do material, a maior dificuldade foi questão da segurança, onde alguns alunos ainda tinham medo de usar a ferramenta de cortar a ponta da flecha, mas com a orientação e o cuidado conseguiram produzir o material.

4.1.8 A 8ª oficina – Tiros em distâncias variadas.

Esta aula foi iniciada dizendo aos alunos que os materiais produzidos por eles nas aulas anteriores serão utilizados nas atividades de hoje, para que eles cuidem do próprio material criado pela turma. Após a organização do material, a turma foi dividida em grupo de 6 componentes, foi observado um anteparo criado por um grupo de Alunos, como ilustrado no quadro a seguir.

Quadro 5 - Desenho do Anteparo com três alvos



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Em seguida, os alunos puderam experimentar o manuseio do arco e flecha, na qual a primeira atividade consistiu em atirar a cinco metros de distância num anteparo com três alvos, um ao lado do outro, como ilustrado na figura a seguir.

Figura 28: Ilustração de anteparo para realização de atividade



Fonte: Acervo do autor (2025).

Logo após, a segunda atividade consistiu em atirar a dez metros de distância. A atividade seguiu a mesma lógica da anterior e o alvo teve o mesmo tamanho, de forma que a dificuldade da tarefa estivesse relacionada somente a distância de tiro.

Assim, após os alunos realizarem a atividade, o professor reuniu a turma e perguntou se notaram alguma diferença depois que a distância aumentou; qual foi a atividade que tiveram mais dificuldade e se houve mudança na técnica.

“Professor, com a distância maior a flecha nem chegou perto”.

“Eu achei mais difícil atirar de longe”.

De acordo com as falas, os alunos tiveram mais dificuldade na segunda atividade devido a um maior controle de precisão e força, para que a flecha não caísse nem antes e nem depois do alvo.

4.1.9 A 9ª oficina - Técnicas de tiro e postura corporal

Esta oficina teve como objetivo realizar as técnicas básicas de tiro com arco. O professor iniciou a aula com uma roda de conversa perguntando aos alunos, se eles tiveram

dificuldades em manusear o arco e flecha na aula anterior.

“A flecha caia do arco quando ia atirar”.

“Eu acertei o alvo poucas vezes”.

Com base nas respostas, o professor levou os alunos até a quadra para que pudessem experimentar diversas técnicas e aprimorar o movimento.

Figura 29: Experimentando o tiro



Fonte: Acervo do autor (2025).

Os alunos foram divididos em colunas, postos atrás da linha de tiro. Os alvos foram os mesmos da aula anterior. O primeiro de cada coluna atirou, buscou as flechas e retornou ao final da coluna para que o próximo aluno pudesse realizar a mesma tarefa, e assim sucessivamente até que todos tivessem atirado.

Após isso, o professor refletiu com os alunos sobre as técnicas que eles utilizaram para realizar a atividade, tanto de hoje com na aula passada. E se eles acham que existe uma técnica padrão que torna o tiro consistente.

“Tive que colocar mais força no alvo distante”.

“Eu não consegui acertar o alvo mais longe”.

De acordo com as falas, foi possível perceber que os alunos tinham mudado a técnica conforme a distância aumentava, como também o nível de precisão deve ter diminuído porque o alvo estava mais longe, logo mais difícil de acertar. Logo após, o professor apresentou sete técnicas de tiro falando e demonstrando cada uma para que os alunos visualizassem e depois experimentassem, fazendo a comparação com a técnica que eles utilizaram.

Quadro 6: Técnica de tiro com arco

A TÉCNICA DE TIRO CONSISTE EM:

1. Posicionar lateralmente ao alvo, com os pés paralelos na linha de tiro.
2. Colocar a flecha na corda.
3. A mão dominante segura a corda com os três dedos, enquanto que a mão não dominante segura o arco.
4. Levantar o arco até a altura do ombro.
5. Puxar a corda até o dedo indicador tocar o canto da boca.
6. Mirar no alvo e realizar a largada.
7. Voltar para posição inicial.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

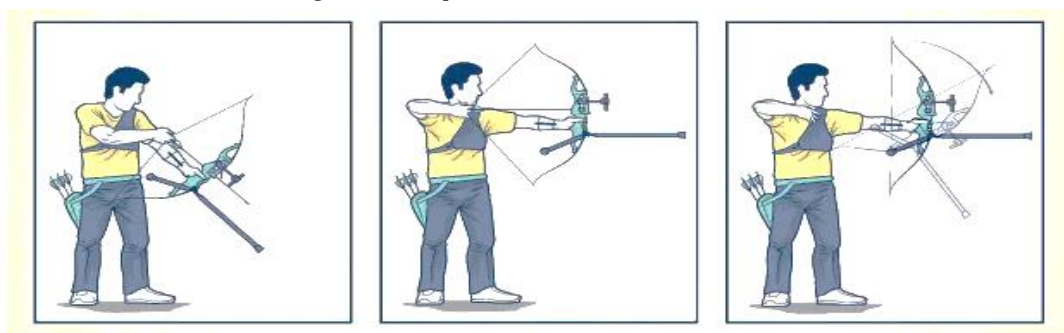
Após o professor demonstrar o movimento, foi trabalhada uma sequência simples do tiro; resumindo as técnicas, com o objetivo de facilitar a aprendizagem. Dividimos em três momentos: preparar, apontar e atirar.

1. **PREPARAR** - Com respiração suave, o aluno coloca a flecha no resto, estica o braço que segura o arco e puxa a corda com o outro braço até próximo do seu queixo.

2. **APONTAR** - O braço que tensiona a corda fica paralelo à flecha. É preciso equilíbrio para manter o arco estável. A mira é feita levando em consideração o arrasto do ar e a distância do alvo.

3. **ATIRAR** - Quando o arqueiro ouve o *clicker*, é o momento de disparar. Os dedos se abrem e a mão relaxa, soltando a corda. O arco pende para a frente e, segundos depois, a flecha chega ao alvo.

Figura 30: Sequencia didática do tiro



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Em seguida os alunos foram divididos em colunas, postos atrás da linha de tiro e realizaram novamente a atividade. Para aqueles que apresentaram dificuldade durante a realização da atividade, o professor auxiliou, conforme as figuras abaixo.

Figura 31: Aprendendo as técnicas básicas – parte 1



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 32: Aprendendo as técnicas básicas – parte 2



Fonte: Acervo do autor (2025).

Ao final, o professor apresentou e discutiu sobre os erros mais comuns em iniciantes de tiro com arco, conforme o Quadro abaixo.

Quadro 7: Erros mais comuns na prática de tiro com arco

<u>ERROS COMUNS</u>	
✗	Ficar com o corpo de frente para o alvo;
✗	Erguer demasiadamente o cotovelo que puxa a corda;
✗	Não mirar quando for disparar a flecha;
✗	Não realizar extensão completa do cotovelo que segura o arco;
✗	Realizar a ancoragem por muito tempo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Posteriormente, o professor propôs uma discussão para a turma a respeito da atividade que realizaram e indagou os alunos sobre o que eles tinham achado de realizar o tiro com essa técnica?

“Atirar mais perto foi mais fácil porque não precisou de tanta força”.

“Atirar no alvo maior foi mais fácil de acertar”.

Com base nas respostas dos alunos, o professor explicou que realizando a técnica correta, os tiros se tornam cada vez mais precisos e consistentes; a postura do corpo e do ombro durante o tiro traz estabilidade e sensação de conforto a pessoa; ao realizar extensão completa do cotovelo que segura o arco enquanto puxa a corda até realizar a ancoragem (encostar o dedo indicador no canto da boca) faz com que a flecha vá para o alvo sempre com uma velocidade apropriada.

4.1.10 A 10ª oficina – Festival de mira - manuseio do arco e das flechas

Esta última parte da pesquisa tem como objetivo experimentar por meio de rodizio a prática de tiro com arco. Para finalizar o conteúdo programático foram desenvolvidas na quadra e organizadas pelo docente diversas “estações” aos quais, em cada uma delas tinha um tipo de alvo para os discentes terem a oportunidade de praticarem com os arcos confeccionados pelos próprios alunos.

No primeiro momento foi organizado o espaço, local este onde seriam realizados os tiros. Com a ajuda dos discentes foram posicionados a uma distância de 5 metros três alvos

com diferentes formas geométricas produzidos pelos alunos nas aulas anteriores. Os alvos foram colocados a uma altura de 1,5 metros, pois foi ajustado de acordo com altura dos alunos.

Figura 33: Preparando o espaço do alvo



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 34: Organização dos alvos



Fonte: Acervo do autor (2025).

O professor iniciou o evento dizendo aos alunos que eles iriam participar de disputa de tiro com arco. Foram estabelecidas cinco equipes, de seis pessoas, como também alunos que ficaram responsáveis em coordenar as equipes e atuar como árbitros durante o torneio.

Figura 35: Formação de equipes



Fonte: Acervo do autor (2025).

No primeiro momento, cada equipe realizou uma rodada no primeiro alvo retangular, de modo alternado, totalizando seis flechas por equipe. A pontuação máxima que cada equipe pode obter na primeira estação era sessenta pontos.

Figura 36: Acertando o alvo – parte 1



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 37: Acertando o alvo – parte 2



Fonte: Acervo do autor (2025).

Na sequência, as equipes atiraram no segundo alvo triangular e por fim no alvo circular, porém, estes tinham sistema de pontuação diferente, que no final a pontuação máxima que cada equipe pode obter no alvo triangular foi cento e vinte pontos, já no alvo circular cada equipe pode obter foi trezentos pontos.

Figura 38: Alvo triangular



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 39: Alvo circular



Fonte: Acervo do autor (2025).

A regra de diferentes pontuações em cada alvo se deu pelo fato de procurar aumentar o nível de aprendizagem nas operações matemáticas. Em todas as rodadas, os alunos designados de árbitros utilizaram a planilha de pontuação. Ao final da execução dos tiros de todas as equipes foi somado o total geral de pontos e informado as equipes vencedoras.

Figura 40: Equipes vencedoras do festival – parte 1



Fonte: Acervo do autor (2025).

Figura 41: Equipes vencedoras do festival – parte 2



Fonte: Acervo do autor (2025).

Buscamos ter o cuidado em trabalhar competição de não colocar vencer e eliminar adversário como ponto central e único. Nesse sentido, vencer é importante e significativo de aspectos positivos e ativos do homem. Mas vitória só existe onde aparece a criação com a conquista de novos passos e não onde jazem cadáveres dos antagonistas ou a cisão de partes do real, representada pela posição dos discordantes.

Esta forma de dialogar criou entre os alunos estímulos para experimentar algo novo, sem medo de se expor e sem a ideia de perder ou ganhar, fator que atrapalha e dificulta a aprendizagem de alguma coisa desconhecida.

Com a realização da prática, os discentes puderam vivenciar o arco e flecha com os diferentes arcos que tínhamos produzidos e durante as vivências foi possível visualizar que outros alunos ajudavam quem estava com mais dificuldade. Esta oficina que foi ministrada se fundamentou na proposta da Transformação didático-pedagógica do esporte (Kunz, 2016), afim de subsidiar nossa prática docente, como também contribuir em nossas reflexões no cotidiano escolar. Com isso, pudemos proporcionar aos discentes a oportunidade de vivenciar essa tematização de um jeito que fosse adequado para os diferentes tipos de potencialidades e dificuldades que cada criança obtinha.

4.2 Resultados

Para analisar os resultados obtidos por meio do questionário, após exploração das respostas, procedeu-se com a organização de duas escalas: Grupo 1 (Caracterização); Grupo 2 (Percepção dos alunos sobre novas práticas nas aulas de Educação Física).

O questionário foi aplicado para os alunos da Escola Estadual Santo Agostinho, todos pertencentes ao turno vespertino, estruturado com 05 perguntas fechadas, que foram respondidas de maneira rápida e padronizada onde o respondente escolheu entre opções de alternativas predeterminadas.

Figura 42: Alunos respondendo o questionário – parte 1



Fonte: Acervo do autor (2025).

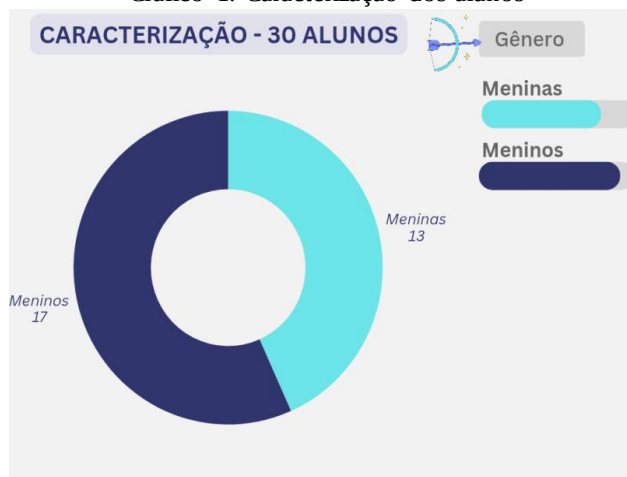
Figura 43: Alunos respondendo o questionário na sala – parte 2



Fonte: Acervo do autor (2025).

Ao concluir a coleta de dados na pesquisa de campo, todas as informações foram minuciosamente analisadas e, em seguida, representadas através de gráficos, para melhor demonstrar os resultados conclusivos da pesquisa, configurando assim a parte qualitativa do estudo.

Gráfico 1: Caracterização dos alunos

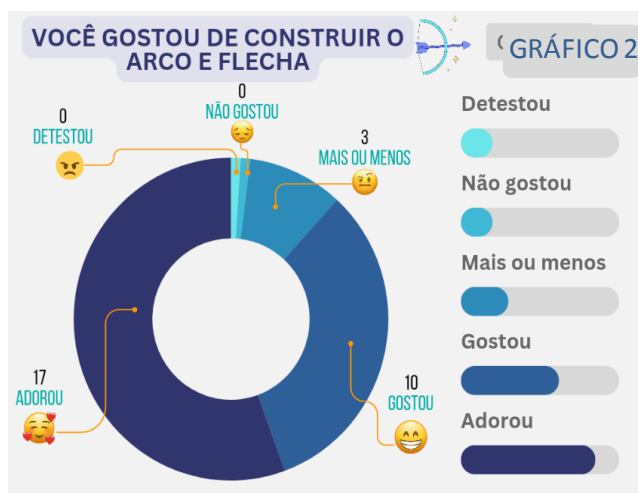


Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2025).

A interlocução foi feita com 30 alunos com idade entre 10 e 11 anos. Como mostra o gráfico acima, fica evidente a homogeneidade da turma onde a quantidade entre ambos os gênero se assemelha, sendo 17 meninos e 13 meninas.

Nos gráficos a seguir, apresentaremos os dados que geramos a partir das respostas dos alunos. É importante ressaltar que, para os alunos que tinham dificuldade na leitura, foi necessário realizar a leitura das perguntas e alternativas, dessa forma eles conseguiram entender e assinalar a alternativa que desejavam. Abaixo seguem os dados levantados:

Gráfico 2: Você gostou de construir o arco e flecha?

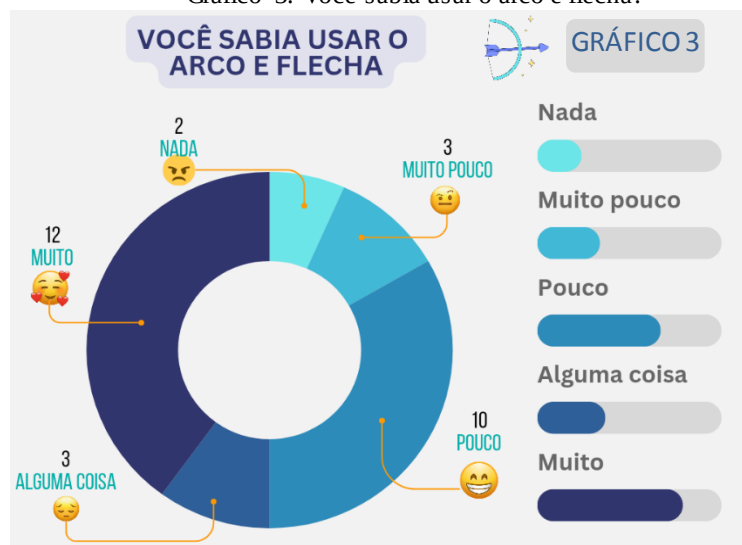


Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O intuito da pergunta inicial era saber se as crianças tinham gostado de construir o arco e flecha, observamos que grande parte dos alunos gostaram ou adoraram, pelo fato deles estarem no centro do aprendizado. Dar corpo a um estilo de trabalho que vê na produção coletiva do saber, na produção coletiva de conhecimentos, as possibilidades de efetivar o direito que os diversos grupos e movimentos sociais têm sobre a produção, o poder e a cultura nas afirmações de (Garjado, 2008).

A segunda pergunta queria captar um conhecimento prévio sobre se os alunos já sabiam usar o arco e flecha.

Gráfico 3: Você sabia usar o arco e flecha?



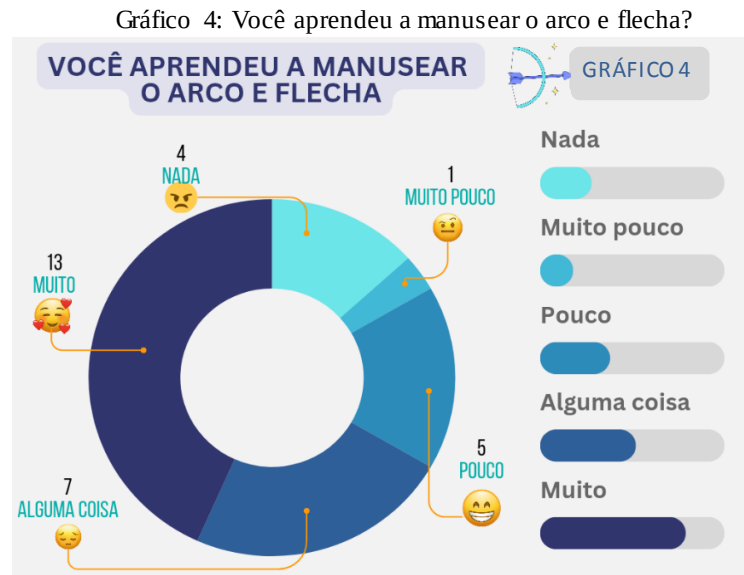
Quando questionados sobre a utilização do instrumento durante o período anterior ao das aulas ministradas, menos da metade responderam que já sabiam usar, este fator se deu pelo motivo de algumas crianças pertencerem a famílias de origem indígena e outras morarem em comunidades ribeirinhas e ramais onde o arco e flecha é muito utilizado como meio de sobrevivência.

Trazer para o espaço da escola o arco e flecha atrelado à questão indígena conspira na direção de iniciar um diálogo intercultural, partindo de uma cultura própria e diferente em busca de uma igualdade social no interior do currículo.

O fato de um grupo social ter um sentido de mundo diferente de outro grupo social não quer dizer que ele não exista ou que não tenha nenhum sentido e não possa ocupar espaços no currículo. A respeito disso, concordamos com Souza e Fleuri (2003, p. 70) uma vez que ações como essa “ampliam a visão de educação intercultural que não é apenas restrita a uma escola de sujeitos de etnias diferentes”, mas também criar laços de pertencimento e aproximação das

culturas, especialmente a dos povos indígenas que representam uma parte da ancestralidade brasileira.

Já em relação ao terceiro questionamento, foi relacionado sobre se o aluno tinha aprendido a manusear o arco e flecha, conforme o gráfico abaixo:



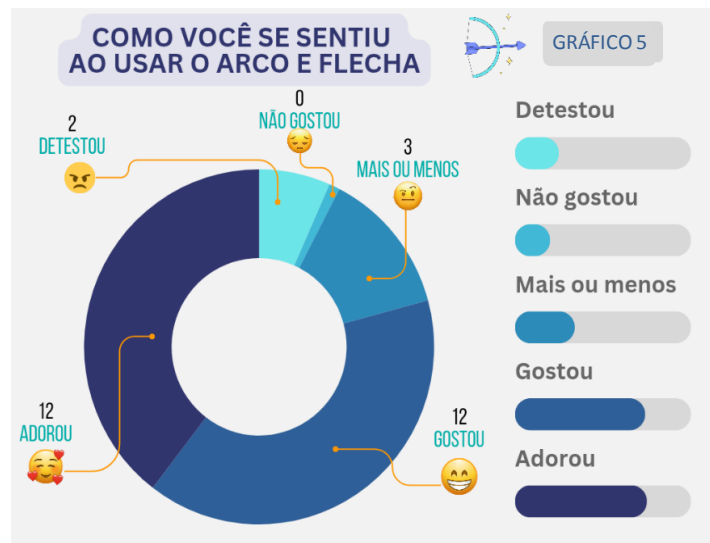
As respostas foram similares entre elas, com mais da metade da turma respondendo que conseguiram aprender a manusear o arco flecha. Entretanto um terço do grupo ficou com dificuldades no manuseio do implemento.

A partir do resultado foi levantada a questão de inserir a participação daqueles alunos que já tinha aprendido como facilitadores da aprendizagem, demonstrando a maneira de pegar no arco, de empunhar a flecha e lançá-la, para que aquele colega que não conseguiu assimilar inicialmente o conteúdo viesse ter novas oportunidades de aprender.

Observamos uma espécie de cooperação entre os participantes desta oficina: a cooperação é uma maneira de viver existente nas sociedades dos povos originários; ela ensina a avançar em uma das maiores dificuldades humanas que “[...] é colaborar para construir pontes que encurtem as distâncias, diminuam as fronteiras e que aproximem as pessoas umas das outras” (Brotto, 1999, p. 15), uma espécie de provocação para os estudantes quando tiveram que enfrentar o desafio de ensinar quem ainda não havia aprendido.

A respeito da satisfação no uso do arco e flecha, para entender como os alunos estavam se sentindo ao experimentar uma nova pratica corporal, foi direcionada a pergunta a seguir:

Gráfico 5: Como você se sentiu ao usar o arco e flecha?



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Analisando a satisfação dos alunos, observa-se que há uma significativa parcela da amostra que julga ter gostado muito das aulas onde experimentaram o uso o arco e flecha. A satisfação experimentada nas aulas de Educação Física também está associada com a participação. Muitos alunos acabam perdendo o estímulo em participar quando o modelo de ensino se torna engessado.

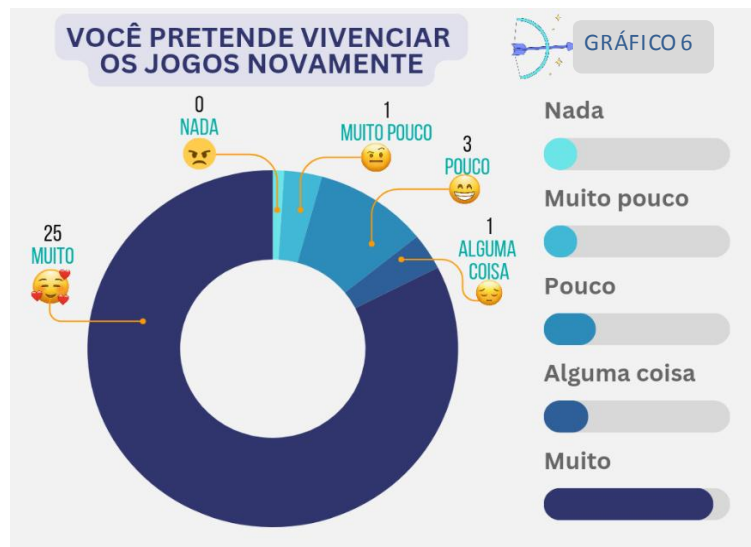
Segundo Kopal (1996), os conteúdos dados em aula sempre devem estar estritamente relacionados com a realidade dos alunos e de seus ideais, favorecendo assim o crescimento dos mesmos. Assim, o professor deverá planejar aulas interessantes, que realmente mostrem aos alunos que a opinião dele está correta e que, a Educação Física tem grande importância na formação global do indivíduo.

Piccolo (1993) cita que, o ensino se torna mais humanista quando se respeita o aluno em sua individualidade. Dias (1990) sobre o assunto coloca que, tem que haver respeito para com as características e limitações individuais do aluno, para que este possa ser entendido na sua complexidade e atendido nas suas necessidades.

Pode-se conseguir a inclusão dos alunos através de aulas variadas, pois em alguma atividade a criança vai se interessar em participar naquilo que condiz com sua necessidade e interesse.

Nesse sentido, partimos para a última questão onde buscou identificar se os alunos pretendiam vivenciar novamente os jogos trabalhados.

Gráfico 6: Você pretende vivenciar os jogos novamente?



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Apesar de serem uma prática pouco trabalhada como conteúdo de ensino nas escolas da região investigada, muitos alunos ao serem questionados se viriam a praticar novamente o arco e flecha se posicionaram a favor de dar continuidade no ensino deste conteúdo.

Segundo Oliveira (2004), apesar do interesse prioritário dos alunos pelos esportes veiculados pela mídia e há muito internalizados como sinônimos de aula de Educação Física, cabe ao docente apresentar novos conteúdos. Para o autor, os alunos precisam acessar práticas que não conhecem até mesmo como uma educação para estarem em constante apropriação de novas percepções e vivências.

Dessa maneira, inferimos, com base nas respostas produzidas através da questão, o quanto a inserção de novas práticas assumem um papel formador ao alunado, por fomentar a formação integral e a aprendizagem dos conteúdos escolares a partir de um tema pertencente à cultura material das sociedades do passado e do presente. Reafirmamos o arco e flecha como um instrumento que permite integrar diferentes conteúdos na escola a partir da sua história, do seu simbolismo e da função de uso nas diferentes sociedades.

CAPÍTULO 5: CONSTRUÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA – RECURSO EDUCACIONAL

Conforme CAPES (2013; 2017), os recursos educacionais são mandatoriamente vinculados aos trabalhos de natureza mestrado ou doutorado de natureza profissional. Silva (2019)) relata que os recursos educacionais se notabilizam pelo seu aspecto solucionador voltado a determinados problemas no campo da educação e do ensino, se destacando também pelo fato de serem replicáveis em outros contextos além daqueles afetos a sua criação e elaboração.

No contexto dos mestrados profissionais, há o Mestrado Profissional em Educação Física – PROEF, o qual vem contribuindo com recursos educacionais aplicáveis a diversas situações conexas a disciplina que lhe é afeta. No que se refere aos jogos tradicionais indígenas no contexto amazônico, é produtivo destacar o estudo feito por Almeida (2025), cujo nome é “Tematização e ensino dos jogos indígenas e estratégia didático-pedagógica de uma educação física para o bem viver: uma experiência em São Gabriel da Cachoeira”. Em sua pesquisa, Almeida (2025) desenvolveu um caderno pedagógico denominado como Musarai, o qual sugere atividades de cunho desenvolvimental e contextualizado com os jogos indígenas.

A Unidade Didática (UD) que será apresentada na sequência deu suporte para a construção do Recurso Educacional final desta pesquisa, além disso, teve como finalidade delimitar o campo onde as atividades foram realizadas, registradas e posteriormente avaliadas.

No seu planejamento foi considerada a realidade da Unidade Escolar a qual foi aplicada, ou seja, fatores como estrutura física, disponibilidade de materiais, número de aulas de Educação Física por semana, conhecimentos dos alunos sobre o tema, características dos alunos, enfim, ela foi planejada para ser aplicada no contexto em que foi implementada.

Neste primeiro momento foram elaboradas e aplicadas as aulas conforme o modelo de planejamento alinhado com a Proposta Curricular e Pedagógica ofertado pela Secretaria de Estado e Educação do Amazonas (SEDUC), onde constam os princípios que estabelecem os objetivos de aprendizagem, com uma sequência de conhecimentos e competências do que os alunos devem aprender.

Como será visto a seguir, na UD utilizamos como recorte a unidade temática, habilidades da Proposta Curricular Pedagógica, referentes ao 4º e 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

Quadro 8: Unidade Temática – Brincadeiras e jogos

UNIDADES TEMÁTICAS	HABILIDADES
Brincadeiras e jogos	(EF35EF01) Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural.
	(EF35EF02) Planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos em brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo e de matriz indígena e africana.
	(EF35EF03) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as brincadeiras e os jogos populares do Brasil e do mundo e de matriz indígena e africana, explicando suas características e a importância desse patrimônio histórico cultural na preservação das diferentes culturas.

Fonte: PCP-SEDUC/AM

Para tal, foi realizada primeiramente uma pesquisa bibliográfica, para buscar informações a respeito do processo de ensino e aprendizagem dos jogos de precisão, para que haja uma melhor compreensão dos conteúdos que serão ministrados. Alguns autores como González e Bracht (2012), propõem um modelo de planejamento de aulas, apresentado em etapas de processo, desde a definição de conteúdo até os temas a serem trabalhados em aula.

Depois de estabelecidos os objetivos de aprendizagem para atender as habilidades propostas da BNCC (Brasil, 2018), foram elaboradas as aulas, que serão apresentadas a seguir em oito planos de aula de tiro com arco.

Em cada plano de aula estarão descritas as principais dimensões do conhecimento trabalhadas, sendo que o plano também irá prever uma roda de conversa final buscando investigar o quanto os alunos se apropriaram de cada uma delas. Primeiramente, será apresentado um quadro com as informações básicas de cada aula e posteriormente a explicação detalhada sobre a aula. Sugere-se que a estrutura da aula seja organizada em três momentos: roda inicial, tarefas e roda final.

Uma Unidade Didática (UD) pode ser vista como um agrupamento de objetivos existentes por meio de um eixo motivador (Andrade; Sousa; Gomes, 2023). No caso

específico da Unidade Didática aqui proposta, o que se pleiteou foi apresentar aos educandos uma nova prática corporal, a qual aglutina saberes conceituais e corporais de seus ancestrais (Almeida, 2025; Pereira, 2019)

A construção da unidade didática Jogos de Mira (tiro com arco) iniciou-se pelo processo de definição dos conteúdos a serem trabalhados em aula. A partir da definição da prática corporal, é importante refletir sobre o que será ensinado aos alunos, de forma com que eles possam estabelecer uma relação próxima ao objeto de conhecimento. A Figura 44 apresenta a capa do recurso educacional aqui destacado.

Figura 44: Capa do Recurso Educacional



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Os conteúdos foram selecionados com base nas vivências do pesquisador autor da dissertação na área de Educação Física, fruto da relação entre as experiências vivenciadas ao longo da trajetória profissional do pesquisador, bem como os estudos da pós-graduação. Lembrando que esse estudo tem o foco de apresentar uma possibilidade de ensino do tiro com arco, contribuindo para que haja novas propostas pedagógicas relacionadas a essa temática. Com isso, estruturei os conteúdos do tiro com arco e os objetivos de aprendizagens

condizentes com as propostas das habilidades da BNCC (Brasil, 2018), conforme o quadro a seguir

Quadro 9: Cronograma dos Conteúdos da Unidade Didática Jogos de Mira – Arco e Flecha

AULA	CONTEÚDOS	OBJETOS DE APRENDIZAGEM
01	Apresentação da Prática Corporal	Contextualizar a origem, cultura e história dos povos que utilizam instrumentos de mira para sobreviver.
02	Contextualizando os Jogos de Mira	Estabelecer um diálogo sobre a dimensão histórica e cultural acerca desses artefatos para as culturas locais.
03	Conhecendo o equipamento e noções básicas	Descrever os elementos básicos do arco e flecha
04	Respeitando os protocolos de segurança	Ter responsabilidade e cuidado pelo material durante a aula
05	Construindo Alvos e tabela de Pontuação	Intepretação de alvos, trabalhando tamanhos, medidas, distâncias e pontuação, associando as cores com os valores numéricos.
06	Apresentação das principais partes do arco e flecha	Conhecer as principais características do arco e fecha
07	Construção de material adaptado	Construir materiais adaptados para a aula arco e flecha
08	Tiro em distâncias variadas.	Identificar e associar o tamanho do alvo com a mira e precisão necessária para acertar o alvo
09	Técnicas de tiro e postura corporal	Realizar as técnicas básicas de tiro
10	Festival de Mira - Manuseio do arco e das flechas	Organizar evento recreativo através de rodizio a prática de tiro com arco

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Feitas estas definições, o passo seguinte consistiu na elaboração dos planos de aula, tendo em vista o alcance dos objetivos de aprendizagem descritos no Quadro 8. Conforme Zabala (2015), o planejamento é um dos itens essenciais no trabalho professoral, o que, de forma mandatória, abarca os planos de aula, no intuito de viabilizar o alcance dos objetivos de aprendizagem pretendidos. No caso específico do arco e flecha, o desenvolvimento das atividades buscou fazer com que os alunos tivessem conhecimento teórico e prático da utilização do arco e flecha, de maneira que ao darem os primeiros tiros, pudessem alcançar os alvos com precisão, o que engloba concentração, memorização, associação, qualidade dos movimentos, dentre outros (Peters; Lima, 2025).

Ao se trabalhar com os jogos de mira, em especial no que tange ao uso de arco e flecha, tem-se a possibilidade de não só trabalhar aspectos técnicos, tais como os movimentos e a precisão da mira, mas também aspectos culturais que são iminentes aos povos originários (Almeida, 2025; Reis, 2020).

Como forma de viabilizar a replicação das aulas noutros contextos além do qual originou o recurso educacional, sugere-se que as aulas sejam divididas em 3 etapas: a) Parte

Inicial; b) Tarefas e Sugestões de Atividades; c) Parte Final. O Quadro 9 traz um exemplo de como essa organização pode funcionar em aulas de Educação Física.

Quadro 10: Divisão das aulas em 3 momentos

PARTE INICIAL
O primeiro momento está direcionado para a introdução sobre os conteúdos a serem abordados na aula e revisão das aulas anteriores.
TAREFAS E SUGESTÕES DE ATIVIDADES
Este momento está voltado para as vivências dos conteúdos de acordo com o objetivo da aula. Nas práticas motoras (saberes corporais), o ensino pedagógico está voltado com a intenção de praticar para conhecer. Os movimentos devem ser desenvolvidos dentro de um sistema do mais simples para o mais complexo sempre respeitando os limites motores e a integridade física dos alunos, enfatizando cuidados nas realizações dos movimentos a fim de evitar qualquer dano ao próximo. Dentro das dificuldades dos alunos o objetivo não vai ser apresentar respostas, mas fazer indagações que permitam eles a pensar, e ao mesmo tempo inserir o grande grupo para a solucionar dúvidas.
PARTE FINAL
Ao final da aula propor uma discussão dos conhecimentos e as atividades trabalhadas fazendo uma breve avaliação, abordando as potencialidades e fragilidades relevantes. No encerramento, abordar os conteúdos a serem desenvolvidos na próxima aula e organizar os educandos em grupos e pré-estabelecer os temas para atividades que venham a ser desenvolvidas posteriormente, organizando e agilizando a sua aula.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A ideia de dividir as aulas em três momentos visa fazer com que primeiro os alunos tenham contato com o tema que o professor de Educação Física pretende trabalhar para, em seguida, haver a parte prática, na qual podem ser trabalhados aspectos imanentes a cultura do movimento (Bratch, 2025; Tinôco; Araújo, 2020). Tem-se também a questão do desenvolvimento motor dos estudantes, por meio das atividades a eles sugeridas (Marinho; Marins). Nesse panorama, há também o enfoque do envolvimento de esforços em prol da concepção abordagem crítico-emancipatória, sendo a Educação Física elemento essencial na formação de

alunos dotados de visão crítica, autônomos e aculturados sob a égide de uma educação para a cidadania (Bratch, 2025; Kunz, 2013; 2016).

Para efeito de exemplificação, abaixo é demonstrado o plano de aula 1, conforme o que é exibido no Quadro 10.

Quadro 11: Plano de Aula 1 – estrutura dividida em três momentos principais

Objetivo	Contextualizar a origem, cultura e história dos povos que utilizam instrumentos de mira para sobreviver
Tempo Estimado	1 aula - 60 minutos
Parte Inicial	Apresentar a unidade didática para os educandos e a metodologia a ser desenvolvida nas aulas, de forma que venha criar expectativas aos alunos sobre os conteúdos a serem desenvolvidos.
Tarefas e Sugestão de Atividades	Durante a primeira atividade da oficina, questionaremos oralmente aos alunos se conhecem ou se já tinham ouvido falar sobre alguns instrumentos de mira como: o arco e flecha, zarabatana e baladeira. Em seguida, exibimos na sala de multimídias da escola vídeos previamente selecionados: “As crianças brincando de mirar” e “Valente: arco e flecha”. Os vídeos possuem o objetivo de estabelecer um diálogo sobre a dimensão histórica e cultural acerca desses artefatos para as culturas indígenas do Brasil, especialmente na região amazônica. Professor, é importante que esse conteúdo fique bem esclarecido para os educandos, pois será o alicerce da unidade didática. Após a exibição, faremos uma roda de conversa com o propósito de que os alunos relatem seus conhecimentos sobre os artefatos e suas impressões sobre os referidos vídeos. Nesse momento, todos tem oportunidade de falar e ouvir uns aos outros, o que nos permiti, posteriormente, fazer associações, relacionar e complementar os diálogos e compressões, de modo que os alunos verbalizem outros conhecimentos em torno desse instrumento de arremesso.
Parte Final	Nesse momento é interessante alguns questionamentos: Na condição de professor da oficina, lançar alguns questionamentos que serão respondidos pelos alunos: Quem já assistiu ao filme? Já deu para saber do que a gente vai falar? Provavelmente alguns alunos irão levantar as mãos e relatar, às suas maneiras, as características do instrumento.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Apesar de arco e flecha serem um esporte olímpico, sabe-se que não somente com relação a este esporte, mas também com relação a outras modalidades, nem sempre os professores de Educação Física conseguem fazer um trabalho minimamente satisfatório. No município de Lábrea, ainda há a preferência pela vertente tecnicista das aulas de Educação Física, o que não se mostra congruente com a abordagem crítico-emancipatória imanente a esta disciplina (Bratch, 2025; Kunz, 2013; 2016).

Ao desenvolver este recurso educacional, buscou-se fazer com que os professores de Educação Física ampliem seus repertórios de atividades ao invés de ficarem demasiadamente presos ao quarteto fantástico desta referida disciplina (Gonçalves; Silva, 2023). A dimensão cultural aqui destacada ao se trabalhar com o arco e flecha é algo que poderia ser mais explorado pelos professores de Educação Física, em especial aqueles que lecionam em escolas inseridas no contexto amazônico.

Ao citarem Xavier e Canen (2008), o estudo de Peters e Lima (2025, p.11) diz o seguinte:

O chão da escola é pisado todos os dias pelas diferenças que se apresentam de modo in natura necessitando de aproximação e inserção em suas práticas curriculares de culturas identificadas no contato entre diferentes saberes. Tensionar, subverter o currículo tradicional e atuar nas gretas curriculares com conhecimentos outros, aqueles que são marginalizados, conspiram para um processo de valorizar, enriquecer, contemplar conhecimentos e saberes das mais diversas culturas, quiçá perceber a raiz ancestral brasileira que está fincada nos povos indígenas. Em igual sentido, os princípios da interculturalidade fazem a experiência educativa transitar nas culturas existentes, usando as diferentes formas de compreensão de mundo. Xavier e Canen (2008) entendem a escola como uma organização multicultural capaz de trazer para o currículo a possibilidade de perceber as diferenças, ressaltá-las e construir conhecimentos e aprendizados que superam os discursos que silenciam e estereotipam qualquer cultura. Entende-se que entrar na cultura milenar do arco flecha cria um espaço dialógico no currículo, faz pensar a ancestralidade, ilumina o debate sobre transgredir a escola moderna; esta que não se permite construir coletivamente saberes que não estão prescritos. Esses conhecimentos, mesmo sendo ignorados, transitam no modo de existir da sociedade e da cultura de outros povos; esse transitar faz alicerçar um entendimento sobre as diferenças e empodera duas culturas, criando espaços interculturais de forma respeitosa entre ambas, especialmente no espaço escolar.

No caso específico deste estudo, ao se trabalhar com o arco e flecha, buscou-se dar o devido protagonismo a um saber ancestral dos povos originários, o qual conforme Peinado (2025), outrora praticado para fins de subsistência, atualmente é visto também como uma modalidade esportiva. Nisso, pleiteou-se fazer esta conexão entre Educação Física e os aspectos culturais dos povos originários. Isto é explicado no trecho destacado abaixo:

A escola é convidada a repensar práticas que permitam que seus alunos sejam valorizados e reconhecidos em suas origens étnico-histórico-culturais e, considerados como seres reflexivos, não podem ser rotulados [e] esvaídos de significados e representações sociais (Santos; Queiroz, 2021).

Cumprе destacar que tanto a Carta Magna (Brasil, 1988) como também a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) destacam a questão do respeito aos valores culturais nacionais, os quais devem se fazer presentes no contexto da educação básica. Neste

sentido, trabalhar com o arco e flecha de maneira contextualizada com o desenvolvimento dos alunos visa ser mais uma opção para fugir da égide tradicional da Educação Física, disciplina essa na qual conforme Araújo (2024) há uma gama de possibilidades a serem exploradas, de maneira que seja possível viabilizar uma formação crítico-reflexiva dos estudantes.

Em termos pedagógicos, o recurso educacional não somente destaca a relevância de se trabalhar com o arco e flecha, mas também propõe um conjunto de 8 planos de aula, de maneira que os professores que atuam na Educação Física tenham um caminho para percorrer, ou se preferirem, para se inspirar e adaptar essa prática as suas respectivas realidades. Consoante o que fora visto em Costa *et al.* (2024), os docentes dessa disciplina convivem com dificuldades recorrentes, sendo uma das mais comuns a falta de infraestrutura para o desenvolvimento de suas atividades.

É produtivo dizer que o recurso educacional não é necessariamente um fim em si mesmo. Consoante o que é recomendado por CAPES (2013; 2017) e reiterado por Silva (2019), os recursos educacionais podem ser replicáveis a outros cenários, o que reitera a sua respectiva pertinência. Os professores ao terem contato com este material podem fazer as adaptações necessárias, tendo em vista o desenvolvimento de seus alunos sob a égide da cidadania e da abordagem crítico-emancipatória (Araújo, 2024; Kunz, 2013; 2016; Surdi; Kunz, 2010).

Soma-se a isso a possibilidade de os arcos e flechas serem produzidos a partir de materiais alternativos. Essa é outra vertente que pode ser trabalhada junto aos alunos, o que remete ao contexto do desenvolvimento sustentável (Barbieri, 2022; Campos; Silva; Machado, 2024). Conforme Bueno (2019), o que a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas pleiteia é uma educação de qualidade, equitativa e com formação para a cidadania. Assim, tanto os aspectos culturais como também aqueles voltados para o respeito ao meio ambiente são elementos essenciais neste sentido, o que pode ser trabalhado nas aulas de Educação Física, numa abordagem que não só desenvolva os alunos em termos sociais, motores e cognitivos, mas também intercultural (Cardoso; Nascimento, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo apresentou como objetivo geral investigar o processo de ensino dos jogos de mira para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental a partir do uso de materiais alternativos. A prática investigativa permitiu constatar que a tendência tecnicista do ensino de Educação Física ainda se faz muito presente nas práticas pedagógicas, o que demanda o trabalho desenvolvido sob a égide da abordagem crítico-emancipatória e seus respectivos desdobramentos no trabalho docente.

No caso específico deste estudo, optou-se por montar uma sequência de oficinas pedagógicas que foram aplicadas na escola onde a pesquisa fora desenvolvida, no município de Lábrea, estado do Amazonas. Conforme as oficinas foram sendo desenvolvidas, os alunos ampliavam seu repertório sobre o manuseio com o arco e flecha, o que abrangeu desde os aspectos culturais relativos a estes instrumentos, bem como a sua confecção e posterior uso, na forma de tiros ao alvo.

Com relação ao objetivo específico 1) Identificar os processos de sistematização do planejamento de uma unidade temática focada nos jogos de mira com enfoque no uso dos materiais alternativos. O que se pode perceber é que os professores de Educação Física por lidarem em seu cotidiano com dificuldades, sejam elas pedagógicas ou estruturais, acabam não dando a atenção devida para essa sistematização. Isso ajuda a explicar o porquê de alguns docentes desta disciplina optarem pelo caminho mais cômodo, o qual diz respeito a prática dos esportes que integram o chamado quarteto fantástico: handebol, basquete, futebol e voleibol, respectivamente.

Trabalhar não só com arco e flecha, mas qualquer outra modalidade que fuja deste padrão convencional demanda planejamento das atividades, bem como a definição dos objetivos de aprendizagem que devem ser alcançados por meio das atividades propostas. Muito mais do que a repetição de movimentos, a Educação Física deve ser vista sob um prisma mais amplo, o que abrange a cultura do movimento, bem como a formação de sujeitos emancipados e autônomos, sob a égide da cidadania. Podemos considerar com este estudo a relevância do planejamento de unidades didáticas, bem como a sua contextualização com a realidade cultural do local onde as atividades propostas são desempenhadas.

Concernente ao objetivo específico 2) Analisar os processos de ensino de uma unidade temática focada nos jogos de mira com enfoque no uso dos materiais alternativos. Pode-se considerar que não somente o planejamento, mas também as vivências do pesquisador foram fundamentais para que cada parte que integra a unidade didática destacada no estudo fosse

exitosa. Inicialmente, partiu-se do princípio, com as teorias, o contexto histórico e cultural do uso do arco e flecha, bem como suas tipificações e materiais alternativos para sua confecção. Encerradas estas explanações, os alunos puderam partir para a prática, seja com desenhos dos alvos, sejam montando os arcos e flechas para, em seguida, iniciarem os tiros ao alvo, numa dimensão que coaduna e fortalece o elo entre teoria e prática.

Neste contexto, é válido destacar a participação do alunado nas atividades propostas, de maneira que este envolvimento maior com a unidade didática fez diferença no resultado final. Isso remete ao papel dos professores no ensino de Educação Física, o que vai além de pedir para os estudantes executarem este ou aquele tipo de exercício, mas também engloba o desenvolvimento de atividades que possam promover a abordagem crítico-emancipatória em Educação Física. Os processos concernentes fluíram de forma satisfatória, reiterando o sucesso da unidade temática. A cada oficina realizada, os estudantes ampliavam seus conhecimentos sobre arco e flecha, o que culminou no Festival de Mira.

Atinente ao objetivo específico 3) Desenvolver um recurso educacional relacionado ao ensino dos jogos de mira com enfoque no uso dos materiais alternativos. O alcance deste intento se materializou com a criação do recurso educacional, o qual traz em seu teor um conjunto de 10 planos de aula, por meio dos quais os professores de Educação Física tanto podem reproduzir o que consta no recurso, como também adaptar o trabalho com jogos de mira conforme suas realidades educacionais.

O cerne do estudo se deu sobre a lógica imanente ao como ensinar Educação Física sem cair no lugar comum de atividades correlatas ao quarteto fantástico já mencionado anteriormente, ou ainda, o desenvolvimento de atividades desconexas, as quais não desempenham papel relevante na construção da cidadania dos alunos. Soma-se a isso a necessidade de maior valorização da história e memória dos povos originários, o que se faz ainda mais necessário em escolas situadas em localidades amazônicas.

Arco e flecha são mais do que dois instrumentos de subsistência, caça ou pesca. Eles representam um trecho do vasto saber do qual as comunidades indígenas são detentoras. A valorização da cultura local é um ponto que nem sempre recebe a devida atenção, isso não só na Educação Física, mas também noutras disciplinas. Assim, tanto os planos de aula como a proposta de conferir aos jogos de mira maior protagonismo visa chamar a atenção dos professores de Educação Física para novas possibilidades de atividades, numa dimensão que saia do convencional e reduza a recalcitrância da lógica tecnicista de ensino desta disciplina.

Por meio da busca sistemática foi verificada a carência de estudos publicados na área de Pedagogia do Esporte sobre tiro com arco. Com isso, foi construído uma proposta de

ensino com dez planos de aula, a partir do delineamento de González e Bracht (2012) com conteúdos e objetivos de aprendizagem definidos. Esses Jogos de mira, inseridos no currículo da Educação Física escolar como esportes de precisão, muitas vezes se mantêm ausentes durante o período de elaboração de proposta pedagógica realizado por professores. A falta de acesso a materiais didáticos e a cursos de formação na área de esportes de precisão podem contribuir para este fato.

Neste sentido, a intenção do estudo consistiu em ajudar a criar caminhos para a inclusão e permanência dos Jogos de Mira na Educação Física escolar. Os planos de aula são um ponto inicial para se pensar em ensinar o tiro com arco e outros jogos de mira, visto que eles podem ter uma boa adaptação no meio escolar, podendo ser ensinados com materiais adaptados, não requerendo um ambiente específico de prática e pode ser jogado tanto individual como em grupo.

Aqui o estudo tem a intenção de contribuir para o aumento da diversidade de práticas corporais a serem contempladas na escola, apresentando possibilidades de ensinar uma prática que está fora do contexto social dos alunos, de forma a proporcionar uma experiência e a apropriação dos elementos dessa cultura corporal. No caso específico deste estudo, o termo cultura também coaduna com aspectos sociais e históricos dos povos originários e sua contribuição inegável para a sociedade não só amazônica, mas também, brasileira.

O estudo apresenta como limitação o fato de ter sido desenvolvido numa escola municipal em Lábrea, não sendo possível abranger um número maior de participantes ou respondentes. Entretanto, não somente no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF), mas também outros programas correlatos podem envidar esforços e gerar estudos que possam abordar outras nuances ainda pouco exploradas sobre este elo entre jogos indígenas e Educação Física.

Neste sentido, o estudo não somente reitera a necessidade de se abarcar outras possibilidades de atividades no tocante ao trabalho professoral em Educação Física, mas também chama a atenção para os jogos de mira como parte deste processo. Por meio deles, pode-se trabalhar a concentração, a direção e precisão, mas também aspectos vinculados ao respeito à natureza e o destaque devido a história e memória dos povos originários, o que se buscou fazer no desenvolvimento da unidade temática destacada nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

- ADEODATO, S.; VIANA, V. **Retratos culturais do arco e flecha no Amazonas: uma ponte entre a tradição e a modernidade**. Manaus: Fundação Amazônia Sustentável, 2016.
- ALMEIDA, M.N. **Tematização e ensino dos jogos e brincadeiras indígenas como estratégia didático-pedagógica de uma educação física para o bem viver: uma experiência em São Gabriel da Cachoeira/AM**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.
- ANDRADE, V. C.; SOUSA, J F. S.; GOMES, T. B. A busca por uma teoria de tudo: uma proposta de unidade didática. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 18, n. 4, p. 184-202, 2023.
- ARAÚJO, J.M.D. S. **O voleibol nas aulas de Educação Física no Ensino Médio Integrado: uma possibilidade pedagógica a partir da abordagem crítico-emancipatória**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.
- ARAÚJO, M.F.F.; PEDROSA, M.A. Desenvolvimento sustentável e concepções de professores de biologia em formação inicial. **Ensino, Pesquisa e Educação em Ciências**, v.16, p. 71 – 84, 2014.
- AUGUSTO, C.A. Pesquisa qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados no Congresso da SOBER (2007- 2011). **RESR**, v.51, n.4, p. 745 – 764, 2013.
- BARBIERI, J.C. **Desenvolvimento sustentável: das origens à Agenda 2030**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- BATISTA, A. L. F.; BAZZO, W. A. Ensino de tecnologia e sociedade: propostas de articulação em cursos de tecnologia da informação. **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**, v. 8, n. 1, p. 22-30, 2015.
- BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BETTI, M. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.20, n.2- 3, p. 84-92, 1999.
- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade. A Educação Física na Escola Brasileira**. Ijuí: Unijuí. 3º edição revisada, 2020.
- BRACHT, V. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1999.

BRACHT, V. Dilemas no cotidiano da Educação Física escolar: entre o desinvestimento e a inovação pedagógica. Salto para o futuro. **Educação Física Escolar: Dilemas e práticas escolares**. Brasília; MEC/SEB; Ano XXI. Boletim 12. Tv Escola. Setembro 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria da Educação Fundamental** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria da Educação Fundamental** – Brasília: MEC/SEF, 3ª ed., 2001)

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: <link>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRATCH, V. Elenor Kunz, 70 anos: trajetória e contribuições para o desenvolvimento da educação física brasileira. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 56 – 66, 2024.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/188899>. Acesso 23 jun. 2025.

CAMARGO, L.P. Relato de experiência na educação infantil: educação olímpica e futebol de mulheres com foco na inclusão. **Lumen Et Virtus**, v.16, n. 39, p. 1774 – 1782, 2024.

CAMPOS, D.S.B.; SILVA, R.O.; MACHADO, A.L.S. A relevância das ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação: percepções sobre um curso de especialização *Lato Sensu* em Meio Ambiente e suas Tecnologias no Instituto Federal do Amazonas – IFAM. **Revista Foco**, v.17, n.2, p. 1 – 26, 2024.

CARDOSO, M.S.; NASCIMENTO, M.S. Tecendo cultura e movimento: experiências pedagógicas com jogo de povos indígenas na Educação Física Escolar. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 29, n.317, p. 136 – 153, 2024.

CAPES. Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de área 2013**. Brasília: CAPES, 2013.

CAPES. Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de Área – Ensino**. Brasília: CAPES, 2017.

CEPLUKI JUNIOR, D.; GONÇALVES, D. R.; MENDES, J. S. Machine learning e visão computacional: análise de uma base de dados utilizando métodos estatísticos. **Conhecimento Interativo**, v. 18, n. 1, p. 327-346, 2024.

COLL, C. *et al.* **Os conteúdos na reforma.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, A.V. *et al.* Esportes não convencionais do contexto amazônico: a realidade de escolas públicas em Macapá. **Cuadernos de Educación**, v.16, n.8, p. 1 – 18, 2024.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, D. **Projeto de Pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021

DARIDO, S.C. **Educação Física na escola:** questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física Escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Revista Perspectivas em Educação Física Escolar**, v. 2, n. 1, 2001.

DARIDO, S. C; GONZÁLEZ, F. J; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina nas aulas de Educação Física escolar.** AVA Moodle Unesp. Mestrado Profissional em Educação Física – ProEF. Disciplina: Problemáticas da Educação Física. São Paulo: Edutec, 2018.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Orgs.). **Educação Física escolar:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola:** Implicações para a práticas pedagógica. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

DAVIS, C. **Psicologia na Educação.** São Paulo: Cortez, 1990

DIAS, K.P. **A educação física como fator da diminuição de agressividade em menores carentes.** 1990. Rio de Janeiro: UFG 1990.

FAZENDA, I. **O que é interdisciplinaridade.** São Paulo: Cortez, 2008.

FEARNSIDE, P M. BR-319 e a destruição da floresta amazônica. **Amazônia Real**, v. 19, 2018.

FERREIRA, M.B.R.; VINHA, M. (orgs.). **Celebrando os jogos, a memória e a identidade:** XI Jogos dos Povos Indígenas Porto Nacional – Tocantins. Dourados, MS: UFGD, 2015.

FIGUEREDO, A. C.; LEÓN, Y. M.; GONZÁLEZ, L. G. Diagnóstico factual-perceptual das competências profissionais pedagógicas da Licenciatura em Educação Física e Desporto. **Revista científica especializada en Ciencias de la Cultura Física y del Deporte**, v. 21, n. 4, p. 1-12, 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, p. 90, 1996.

FREIRE, P. **Política e educação.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.

GALLAHUE, D.L; OZMUN, J.C. **Compreendendo o Desenvolvimento motor:** bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3ª Ed. São Paulo: Phorte, 2005

GALLAHUE, D.L.; DONNELLY, F.C. **Educação Física Desenvolvimentista para todas as crianças**. 4ª Ed. São Paulo: Phorte, 2008.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física Progressista**. São Paulo: Edições Loyola, 1998

GONZÁLEZ, F.J., BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

GONZÁLEZ, F. J. Educação Física escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (org.). **Desafios da EFE: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 130-148.

GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (org.). **Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. 170 p. 1

GOSSO, Y.; OTTA, E. Em uma aldeia Parakanã. In: CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C.M.C.; PONTES, F.A.R.; BICHARA, I.D. (Org). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca: o Brasil que brinca**. Casa do Psicólogo, São Paulo, v. 1, 2003.

GARJADO, Ma. Pesquisa Participante: Propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

GONÇALVES, P. S.; CHAGAS, J. P. S. Esportes não convencionais na educação física escolar nos anos finais do ensino fundamental. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 10, n. 1, p. e3981-e3981, 2025.

GONÇALVES, C. H. R.; SILVA, C. A. F. Educação Física que não escolhe, acolhe. **Movimento**, v. 29, p. e29003, 2023.

KOBAL, M. C. **Motivação intrínseca e extrínseca**. Dissertação (Mestrado em Educação Motora). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2022.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí; 1994.

KUNZ, E. Práticas Didáticas para um conhecimento de Si de Crianças e Jovens na Educação Física. In: KUNZ, E. **Didática da Educação Física**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. p. 15-52.

KUNZ, E. (org.). **Didática da educação física 3: futebol**. 3. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2013.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2016

LARANJO, M.M.C.; SAAVEDRA FILHO, N.C. Abordagem dialógico-problematizadora e interdisciplinar envolvendo mediação tecnológica, Ciências e Educação Física: análises e

reflexões para uma educação emancipatória no ensino fundamental II. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.105, p. 1 – 22, 2024.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, J. C. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de pesquisa**, v. 46, p. 38-62, 2016.

LIMA, L. A. N. Metodologia do ensino da educação física. as abordagens: psicomotora, psicocinética e desenvolvimentista diante da filosofia fenomenológica. **Revista de Geopolítica**, v. 16, n. 4, p. 1 - 28, 2025.

LIMA, A.K. **Educação para a sustentabilidade em espaços não formais de ensino da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Universidade de Coimbra**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

LÚCIO, Géssica Adriana de Carvalho; MOREIRA, Evando Carlos. Concepções de criança e de infância na perspectiva de professores de licenciatura em Educação Física da região da Amazônia legal. **Revista Cocar**, v. 21, n. 39, p. 1 – 22, 2024.

MACÊDO, M. A. S.; CARNEIRO, S. N. V. Relato de experiência: a importância da educação física para o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos na educação básica. **Revista Expressão Católica**, v. 12, n. especial, p. 299-305, 2023.

MACEDO, B. R. N. **Aprendizagem e Desenvolvimento Motor**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2024.

MADRUGA, Z. E. F.; GALLON, M. S.; SILVA, C. M. Percepções sobre os conhecimentos prévios em matemática nos anos iniciais e possíveis caminhos. **Revista Exitus**, v. 7, n. 3, p. 146-171, 2017.

MARINHO, P. L. F. **Efeitos de oito semanas de atividades psicomotoras no desenvolvimento motor de escolares do 1º ano do ensino fundamental I**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

MARINHO, B. F.; MARINS, J. C. B. Teste de força/resistência de membros superiores: análise metodológica e dados normativos. **Fisioterapia em Movimento**, v. 25, p. 219-230, 2012.

MAXIMIANO, C. A. *et al.* Os livros saberes indígenas na escola: desafios e perspectivas para garantir direitos aos povos indígenas do município de Lábrea-AM. **Nexus-Revista de Extensão do IFAM**, v. 6, n. 10, p. 91-101, 2020.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. 7. ed. Brasília, DF: Ed. UnB, 1993.

MELO, C. E. S. **Poética do Arco e Flecha no design e no imaginário**. Trabalho de Conclusão de Curso (Grau de Bacharel em Design). Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PB, 2018.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NEUENFELDT, D.J. *et al.* Audiovisuais na Educação Física Escolar: possibilidades didático-pedagógicas. **Cadernos do Aplicação**, v.37, n.1, p. 1 – 18, 2024.

OLIVEIRA, A. A. B. Planejando a Educação Física Escolar. In: VIEIRA, J. L. L. (Org.). **Educação Física e esportes na escola: estudos e proposições**. Maringá: EDUEM, 2004.

OLIVEIRA, S.A. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. 3 ed. 1º reimpressão. Campinas: Autores Associados, 2010.

OLIVEIRA, V. J. M.; FERREIRA, L. F. Banheiros da educação física escolar na Amazônia: a canoa PROEF chega à Região Norte. **Revista Didática Sistemica**, v. 26, n. 2, p. 28-40, 2024.

OLIVEIRA, R. R. F.; GONZAGA, D. R. Educação Física: sua importância no ensino para desenvolvimento dos estudantes. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 3, p. e70032-e70032, 2024.

OLIVEIRA, Rafaela de Pinho *et al.* A Abordagem Desenvolvimentista da Educação Física na prática pedagógica da Educação Infantil. **Educação**, p. 1-24, 2024.

PEINADO, M.M. **Jogos desportivos do Triângulo Tucano: o esporte como fator de interculturalidade**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

PETERS, M.J.A.R.; LIMA, M.M. O arco e flecha no transitar das culturas ancestrais: práticas interculturais no currículo escolar. **Revista Cocar**, v.22. n.41, p. 1 – 18, 2025.

PIAGET, J. **Epistemologia genética**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 3. Ed.

PICCOLO, V.L.N. (Org.) **Educação física escolar: ser...ou não ter?** Campinas, SP: Unicamp, 1993

REIS, P.R. **Interculturalidade e sustentabilidade: jogos e brincadeiras indígenas na educação física escolar**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

REIS, V. B.; SEELAENDER, M. C. L. Impacto da Desidratação na Geração de Força de Atletas de Arco e Flecha Durante Competição Indoor e Outdoor. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 6, p.431-435,2010.

RIBEIRO, L.B. **O Projeto Pedagógico do curso técnico em Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio: caminhos para a concretização da proposta de currículo integrado**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal Goiano, Ceres, 2023.

SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Livraria Ijuí Editora, 1987.



SANTOS, C.; PIZZI, S. Cultura corporal de movimento e os debates de gênero, dentro e fora dos muros da escola: narrativas de uma experiência. **Reflexão e Ação**, v. 32, n. 2, p. 48-63, 2024.

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE ENSINO. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.

SCARPATO, M.; CAMPOS, M. Z. **Educação Física: como planejar as aulas na Educação Básica**. Autores Associados, 2024.

SIQUEIRA, B.N. Sobre leituras, comentários e homenagem: “o esporte enquanto fator determinante da educação física” de Elenor Kunz. **Cadernos de Formação RBCE**, Apresentação, p. 8 – 11, 2024.

SILVA, R.O. **Proposta de autocapacitação para coordenação de cursos de graduação**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

SILVA, M.S.; BRATCH, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, v.30, n.1, p. 80 – 94, 2012.

SILVA, R.C.S.; FIGUEIREDO, P.K. Desafiando paradigmas: mudando a perspectiva das aulas de educação física para alunos do ensino médio a partir de um processo de ensino-aprendizagem crítico sobre futebol e gênero. **Territorium Terram**, v.7, n. esp. 1, p. 59 – 70, 2024.

SOUZA, A. L. M. P. **Pedagogia** do ensino de arco e flecha. Várzea Paulista: Fontoura, 2019.

SOUZA, M. I. P.; FLEURI, R. M. Entre os limites e limiares de culturas na perspectiva intercultural. In: FLEURI, Reinaldo (org.). **Mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&a, 2003.

SOUZA, A.V.; SOARES, A.A. Jogos dos povos amazônicos: re-significando o arco e flecha em contexto amazônico. **EFEsportes**, v.18, n.22, p. 1- 5, 2013.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedés**, v. 21, p. 69-83, 2001.

SURDI, A. C.; KUNZ, E. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. **Movimento**, v. 16, n. 4, p. 263–290, 2010.

TANI, G. Abordagem desenvolvimentista: 20 anos depois. **Revista da Educação Física/UEM (Impresso)**, v. 19, n. 3, p. 313-331, 2008.

TINÔCO, R.G.; ARAÚJO, A.C. Concepção crítico-emancipatória e mídia-educação: uma interlocução possível à Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.42, p. 1 – 9, 2020.



VYGOTSKY, L. S. Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. In: VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, p. 241-394, 2004.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALT DISNEY STUDIOS BR. Valente: arco e flecha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q7279jnQLRU>. Acesso em: 01 mar. 2025.

WORLD ARCHERY. Disponível em: < <https://worldarchery.sport/>>. Acesso em: 25 fev. 2025.

XAVIER, G. P. M; CANEN, A. Multiculturalismo e educação inclusiva: contribuições da universidade para a formação continuada de professores de escolas públicas no Rio de Janeiro. **Pro-Posições**, v.19, n. 3(57), p. 225-242, 2008.

ZABALA, A. A prática educativa: Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA



QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

Nesta pesquisa a sua participação durante as aulas é de suma importância, você responderá a um questionário sobre a vivência durante a prática do arco e flecha, caso não consiga se expressar ou ficar constrangido em responder negativamente as questões abordadas, fique tranquilo, faremos o possível para deixá-lo à vontade em falar de suas experiências, não se trata de um teste, por isso não existem respostas certas ou erradas, para que se sinta bem em responder.

Grupo 1 (Caraterização)

Nas questões que se seguem pedimos-te apenas algumas informações gerais:

1.1. Data de Nascimento: ____/____/____ Idade ____ anos

1.2. Género: ☐ M ☐ F

1.3. Ano de Escolaridade ____ Turno: _____

Grupo 2 (Escala de percepção dos alunos sobre novas praticas nas aulas de Educação Física)

Para responder às questões que se seguem pensa apenas nas aulas que tiveste este ano. As respostas são simples de dar: Eu (Entrevistador) irei ler o que diz cada frase e assinalar com uma cruz no quadrado que corresponde àquilo que o aluno percebe nas situações da aula indicadas na frase.

PERGUNTAS	1	2	3	4	5
1 – Você gostou de construir o arco e flecha?	Detestei	Não gostei	Mais ou Menos	Gostei	Adorei
2 – Você sabia usar o arco e flecha?	Nada	Muito pouco	Pouco	Alguma coisa	Muito
3 – Você aprendeu a manusear o arco e flecha?	Nada	Muito pouco	Pouco	Alguma coisa	Muito
4 – Como você se sentiu ao usar o arco e flecha?	Detestei	Não gostei	Mais ou Menos	Gostei	Adorei
5 – Você pretende vivenciar os jogos novamente?	Nada	Muito pouco	Pouco	Alguma coisa	Muito
	1	2	3	4	5

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B - TERMO DE ANUÊNCIA



SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E DESPORTO ESCOLAR



TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do Projeto intitulado: “O ensino dos jogos de mira com materiais da natureza no ensino fundamental – anos iniciais: Novas práticas, outras experiências, várias possibilidades em Lábrea/Am”, tendo como responsável o pesquisador e discente **ROMÁRIO RODRIGUES DE OLIVEIRA**, do curso de Mestrado, da **Universidade Federal do Amazonas - UFAM**, tendo anuência desta Secretaria Executiva Adjunta Pedagógica para aplicar os instrumentos de coleta na Escola Estadual Santo Agostinho.

O **prazo** de validade, deste Termo de Anuência está de acordo com o cronograma apresentado pelo pesquisador, e **se encerra em dezembro de 2025**.

Lábrea/Am, 25 de fevereiro de 2025.


Marivaldo Duarte Maciel
DIRETOR
Portaria 03 441/18
ESC. EST. SANTO AGOSTINHO
(CONVENIADA) LÁBREA - AM

APÊNDICE C: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROPESP/UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Olá, criança, você gostaria de participar de uma pesquisa sobre: **O ENSINO DOS JOGOS DE MIRA COM MATERIAIS DA NATUREZA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: NOVAS PRÁTICAS, OUTRAS EXPERIÊNCIAS, VÁRIAS POSSIBILIDADES EM LÁBREA/AM?**

O objetivo é investigar o processo de ensino dos jogos de mira para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental a partir do uso de materiais alternativos.

A pesquisa será realizada em sua escola, no horário em que você estuda. Faremos divertidas atividades escolares que envolvam a participação e vivência dos jogos de mira como, rodas de conversa, produções de arco e flecha, festival de tiro com arco e posteriormente responder a um questionário.



Benefícios da pesquisa: A sua participação nos ajudará a auxiliar professores, para que estes possam ter acesso a novas práticas pedagógicas e a partir disso, possam utilizar essas ferramentas educacionais no seu contexto escolar. Você também terá a oportunidade de experimentar outras práticas corporais voltadas ao contexto regional onde mora.



Riscos da pesquisa: Esta pesquisa terá a sua participação durante as aulas e um questionário a ser respondido sobre a vivência durante a prática do arco e flecha, portanto, é possível que alguns participantes não consigam se expressar ou ficar constrangido em responder negativamente as questões abordadas, no entanto faremos o possível para deixá-lo à vontade em falar de suas experiências, explicando que não se trata de um teste, por isso não existem respostas certas ou erradas, para que se sinta bem em responder.



Registros da pesquisa: durante a pesquisa precisarei realizar o registro de imagens que serão captados por aparelho celular para me ajudar em caso de dúvidas sobre o processo de ensino dos jogos de mira, mas fique tranquilo(a), as fotos não serão divulgadas e seu rostinho não irá aparecer nelas. Você me autoriza a tirar fotos? () SIM () NÃO

Sua participação é de forma voluntária, caso você queira desistir a qualquer momento da pesquisa, não haverá problemas!

Este estudo está sob a responsabilidade do pesquisador Romário Rodrigues de Oliveira, inscrito no curso de Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF/UFAM) e sob a orientação do Prof. Dr. Lúcio Fernandes Ferreira, lotado na Faculdade de Educação Física (FEFF/UFAM).



Para eventuais dúvidas e esclarecimentos sobre esta pesquisa você pode entrar em contato com o pesquisador responsável Romário Rodrigues de Oliveira, a qualquer momento para informações adicionais, pelo telefone (97) 98449-1885 e pelo e-mail marinoliveira33@gmail.com.

Para qualquer outra informação com o orientador Prof. Dr. Lúcio Ferreira, em horário comercial, pelo telefone (92) 98174-6259, e-mail: lucciofer@ufam.edu.br ou contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), situado na Escola de Enfermagem de Manaus - Sala 07, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181 Ramal 2004, e-mail: cep.ufam@gmail.com. Este documento (Termo de Assentimento) será elaborado em duas vias, que serão **assinadas em todas as suas páginas**, exceto a página com as assinaturas, e assinadas ao término por você e pesquisadora responsável, **ficando uma via com cada uma das partes**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROPESP/UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF



CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, (nome completo do participante), fui informado (a) sobre a pesquisa: **O ENSINO DOS JOGOS DE MIRA COM MATERIAIS DA NATUREZA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: NOVAS PRÁTICAS, OUTRAS EXPERIÊNCIAS, VÁRIAS POSSIBILIDADES EM LÁBREA/AM.** entendi a explicação fornecida pelo pesquisador. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que **não irei receber nada em troca e a qualquer momento posso dizer não e desistir, sem problemas.** O pesquisador tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis ou representantes legais. Este documento (Termo de Assentimento) é emitido em duas vias, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a página com as assinaturas, e assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós (conforme resolução CNS nº. 466 de 2012, IV.3.f, IV.5.d).

Assinatura do Participante da Pesquisa



Documento assinado digitalmente
ROMARIO RODRIGUES DE OLIVEIRA
Data: 03/04/2025 15:27:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do (a) Colaborador (a)

Lábrea/Am, 03 de abril de 2025.

APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROPESP/UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS

Prezado(a) responsável, seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa sobre: **O ENSINO DOS JOGOS DE MIRA COM MATERIAIS DA NATUREZA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: NOVAS PRÁTICAS, OUTRAS EXPERIÊNCIAS, VÁRIAS POSSIBILIDADES EM LÁBREA/AM**. Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar o processo de ensino dos jogos de mira para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental a partir do uso de materiais alternativos.

Com sua devida autorização, participarão desta pesquisa crianças de 10 a 11 anos de idade, onde está regularmente matriculado (a) na turma de 5º ano do ensino fundamental I, Anos Iniciais, no ano letivo de 2025, e que façam parte das aulas de Educação Física da Escola Estadual de Santo Agostinho, vinculada a Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEDUC-AM).

A pesquisa será realizada na escola da criança, no horário em que ela estuda. Será feita por meio de atividades escolares que envolvem a participação e vivência nos jogos de mira como: rodas de conversa, produções de arco e flecha, festival de tiro com arco e posteriormente responder a um questionário.

Benefícios da pesquisa: A participação dos alunos nos ajudará a oferecer aos profissionais de Educação Física e investigadores da área uma proposta didática de jogos de mira para o ensino desse conteúdo nas aulas de EFE, contribuindo com o processo de ensino-aprendizagem dos discentes, tendo em vista as habilidades, competências e objetos do conhecimento, esta proposta didática voltada para o professor, servirá para que estes tenham acesso a novas práticas pedagógicas e a partir disso, possam utilizar essas ferramentas educacionais no ambiente escolar. Os alunos também terão a oportunidade de experimentar uma prática corporal alternativa voltada ao contexto regional onde mora.

Riscos da pesquisa: Esta pesquisa se dará basicamente pela observação na participação durante as aulas e um questionário a ser respondido sobre a vivência da prática do arco e flecha, portanto, é possível que alguns participantes não consigam se expressar ou ficar constrangido em responder negativamente as questões abordadas. Caso algum(a) aluno(a) tenha dificuldade em se expressar, faremos o possível para deixá-lo(a) tranquilo(a), respeitando seu tempo, espaço e vontade para falar de suas experiências, explicando que não se trata de um teste, por isso não existe respostas certas ou errada, para que se sintam bem em responder.

A participação é de forma **voluntária**, os alunos estão livres para desistir a qualquer momento da pesquisa, não haverá problemas, assim como nenhum custo financeiro.

Este estudo está sob a responsabilidade do pesquisador Romário Rodrigues de Oliveira, inscrito no curso Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF/UFAM), localizado na Av. Gal. Rodrigues Otávio Jordão Ramos, 300, Campus FEFF/UFAM, bairro Coroado I, Manaus/AM, CEP: 69077-000. Sob a orientação do Prof. DR. Lúcio Fernandes Ferreira, lotado na Faculdade de Educação Física (FEFF/UFAM), localizada na Av. Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos 300, bairro Coroado I, Manaus/AM, CEP: 69077-000.

Registros da pesquisa: durante a pesquisa será necessário o registro de imagens que serão captados por aparelho celular para auxiliar na análise de dados sobre o processo de ensino dos jogos de mira, caso seja necessário, porém esse material será mantido em sigilo. Estas imagens ficarão em posse do pesquisador (Romário R. Oliveira) e serão excluídas após o encerramento da



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROESP/UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF



análise dos dados da pesquisa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a identidade das crianças não será em hipótese nenhuma divulgada, sendo guardada em sigilo. As imagens são apenas para análise do pesquisador em relação a alguma dúvida sobre a coleta, não serão utilizadas para fins de divulgação.

VOCÊ ME AUTORIZA A FAZER O REGISTRO EM IMAGEM DESTA PESQUISA?

() SIM () NÃO

Para eventuais dúvidas e esclarecimentos sobre esta pesquisa você pode entrar em contato com o pesquisador responsável Romário Rodrigues de Oliveira, a qualquer momento para informações adicionais, pelo telefone (97) 98449-1885 e pelo e-mail marinoliveira33@gmail.com.

Para qualquer outra informação com o orientador Prof. Dr. Lúcio Ferreira, em horário comercial, pelo telefone (92) 98174-6259, e-mail: lucciofer@ufam.edu.br ou contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), situado na Escola de Enfermagem de Manaus - Sala 07, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181 Ramal 2004, e-mail: cep.ufam@gmail.com.

Este documento (Termo de Assentimento) será elaborado em duas vias, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a página com as assinaturas, e assinadas ao término por você e pesquisadora responsável, ficando uma via com cada uma das partes.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, (nome completo do responsável), fui informado(a) sobre a pesquisa intitulada: **O ENSINO DOS JOGOS DE MIRA COM MATERIAIS DA NATUREZA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: NOVAS PRÁTICAS, OUTRAS EXPERIÊNCIAS, VÁRIAS POSSIBILIDADES EM LÁBREA/AM**, entendi a explicação fornecida pelo pesquisador.

Por isso, eu concordo em autorizar o(a) aluno(a) _____, (nome completo do participante), participar da pesquisa, sabendo que não haverá ganho material ou financeiro, estando livre para desistir a qualquer momento, sem problemas. Este documento (Termo de Assentimento) é emitido em duas vias, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a página com as assinaturas, e assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós (conforme resolução CNS nº. 466 de 2012, IV.3.f, IV.5.d).

Assinatura do Responsável pelo participante da pesquisa

Documento assinado digitalmente



ROMÁRIO RODRIGUES DE OLIVEIRA
Data: 03/04/2025 15:39:17-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPIA

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do(a) Colaborador(a)

Lábrea/Am, 03 de abril de 2025.